



Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo

# XXIX ENCONTRO

16-17 de Maio de 2009



**BIG BALLOON**  
SUPER BUBBLE GUM  
PASTILHA ELÁSTICA



**Colecciona os Jogadores**



UM CROMO EM CADA PASTILHA

# Estrelas de Futebol



**DROPS NAZARÉ**  
FÁBRICA DE REBUÇADOS



[www.dropsnazare.pt](http://www.dropsnazare.pt)



<b>SAUDAÇÃO</b> .....	2
<b>PROGRAMA</b> .....	3
<b>ASSEMBLEIA GERAL</b>	
■ Relatório do Conselho Fiscal .....	4
■ Relatório da Direcção .....	4
■ Convocatória Assembleia Geral .....	5
■ Plano Actividades 2009 .....	5
■ Concurso de Fotografia da AAETEC.....	5
<b>MENSAGEM</b>	
■ Vereadora da Cultura .....	9
<b>ACTUALIDADE</b>	
■ O meu testemunho .....	11
■ Testemunho de gratidão a dois Mestres .....	13
■ A educação e a formação dos jovens .....	15
■ Os seguros e a mediação .....	17
<b>MEMÓRIAS</b>	
■ Georgina Gonçalves Neves de Sá .....	19
■ A minha antiga escola e o nosso velho Minho .....	20
■ Investidura - Carlos dos Reis .....	21
■ Manuel Ferreira .....	21
<b>INICIATIVAS</b>	
■ 11ª ARTEMAIO - Artista convidado .....	23
■ Visita da AAETEC ao Axis Wellness .....	25
■ Feira das Associações .....	27
■ XXVIII Encontro .....	28 a 30
■ Sardinhada .....	32/33
■ Passeio para recordar - Curia .....	34/35
■ Magusto .....	36/37
■ Ceia de Natal 2008 .....	38/39
■ Rota dos Castelos .....	40 a 42
■ Entrega de Diplomas .....	43 a 46
<b>CRÓNICAS</b>	
■ A dádiva de sangue .....	47
■ O milagre da Insua (Moledo/Caminha) .....	49 a 52
■ Monumento de homenagem a António Cunha .....	53
■ Idosos, a não esquecer .....	55/56
■ O "Pintor de Viana" .....	57/58
■ Ora viva, Mestre Alcino .....	59
■ Era uma vez - Recordações .....	61 a 64
■ Centro histórico de Viana - No rasto de um encontro recente .....	65
<b>OS NOSSOS POETAS</b> .....	
<b>IX JOGOS FLORAIS 2008</b> .....	
<b>VELHOS TEMPOS</b> .....	

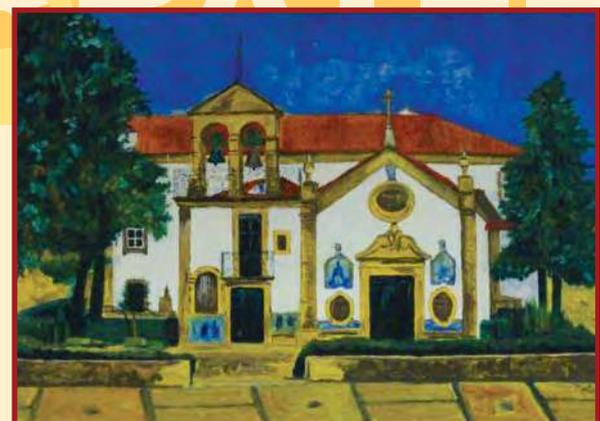
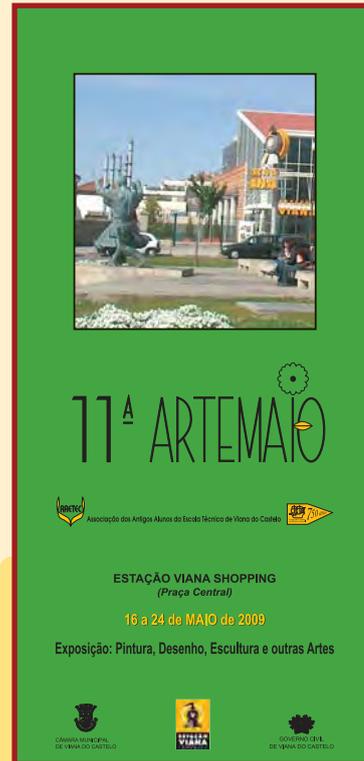


Foto da Capa



Autor da Capa: **Hernani Montes**

Natural de Viana do Castelo, onde nasceu em 6 de Abril de 1941.

Autodidacta, sem nunca ter qualquer formação artística, realiza a sua primeira participação pública em 1971, no Leste de Angola, na cidade do Luso. Ainda em Angola, no Norte, em 1973, organiza uma outra exposição na vila de Quiculungo.

Em 2003, em Viana do Castelo, nasce a última exposição individual.

Desde 1999 que participa na ARTEMAIO.

Permitam-me que teça algumas considerações, alguns reparos e também algumas preocupações de alguém que já está cada vez mais perto do fim do caminho porque sempre lutou, mas não sente, nem arrependimento, nem propriamente desgosto.

Qualquer que seja a razão que presida à escolha consciente de trabalhar para o associativismo deve ter-se presente que ele, é uma comunhão de interesses desinteressados em proveito da comunidade.

Todos nós, sobretudo os mais velhos, se lembram quanto era fastidiosa e estupidificante a “importância” de decorar todos os rios e os seus afluentes, as linhas de caminho de ferro as estações e apeadeiros e outras torrentes de informações sem que nos explicassem o porquê desses factos, encaixados à força da repetição, que depois nos obrigavam a debitar como se fossem rosários de Ave-Marias e Padres-Nossos.

Perdoem-me, mas não posso deixar de falar do desinteresse dos mais novos pelo viver em associativismo. Em que é que nós todos estamos a falhar? Apregoamos a AAETEC aos quatro ventos, pedimos a colegas a sua colaboração no sentido de não deixarmos morrer a Associação, mas quase sempre em vão.

Como o tempo passa demasiado depressa recordo que em breve (2011) haverá eleições para os Órgãos Sociais da AAETEC, é tempo de se mudar os mesmos, por isso apelo aos colegas Associados a apresentarem listas de candidatura ou, então e certamente entramos no ciclo das “Comissões de Gestão” que não nos levam a “porto seguro”.

E é esta a razão porque debitamos este rosário de Ave-Marias e Padres-Nossos.

Este ano irão receber esta Revista antes do Convívio de 16/17 de Maio, e será para todos um momento de reflexão. Viana cá vos espera para recordar as nossas aventuras.

Bem hajam.

*Sérgio Marinho*



## Actuais Órgãos Sociais da AAETEC

### ASSEMBLEIA GERAL:

Presidente: Silvestre Luís Sampaio (Sócio n.º 99)  
Vice- Presidente: José Alberto Brito Amorim (Sócio n.º 152)  
Secretário: José Luís Rocha (Sócio n.º 153)

### DIRECÇÃO:

Presidente: Sérgio Juraci Serra Marinho (Sócio n.º 46)  
Vice- Presidente: Fernando Simão Brito Meira (Sócio n.º 94)  
1º Secretário: Gentil João Santos Sousa Morais (Sócio n.º 131)  
2º Secretário: António Antunes Araújo (Sócio n.º 121)  
Tesoureiro: Luís Alberto Ramos Bezerra (Sócio n.º 203)  
Vogal: Maria Rosário Gonçalves Felgueiras Fernandes (Sócio n.º 98)  
Vogal: Carlos Alberto Guia Couteiro (Sócio n.º 144)

### CONSELHO FISCAL:

Presidente: Rui Manuel Pimenta Salgueiro (Sócio n.º 154)  
Vogal: Margarida Pinto Monteiro Silva Paiva (Sócio n.º 79)  
Vogal: Manuel Jesus Chaves Gonçalves (Sócio n.º 158)

## Faz-te sócio da AAETEC



## PROGRAMA DO 29º ANIVERSÁRIO AAETEC - 2009

### Caros Colegas

Voltamos ao vosso convívio, para vos convidar a participar nas comemorações do 29º aniversário da nossa Associação. Faz-te acompanhar da família e amigos.

### Dia 16 de Maio (sábado):

10,00 horas – Visita ao Parque da cidade, com entrada grátis. (*junto à Praça de Touros em Viana*)

16,00 horas – Inauguração da 11ª ARTEMAIO no Estação Viana Shopping.  
(exposição de pintura, desenho, escultura e trabalhos manuais)  
Estarão presentes representantes dos organismos oficiais da cidade, os artistas com obras em exposição, e mais convidados.

### Dia 17 de Maio (domingo): *dia da fundação da AAETEC.*

09,30 horas – Recepção aos participantes no nosso aniversário. (na Escola Secundária de Monserrate)  
(*entrega da Litografia, pagamento de quotas, etc.*)

11,00 horas – Missa na Igreja de N.ª S.ª D'Agonia.

11,30 horas – Fotografia do Grupo na escadaria da Igreja de N.ª S.ª D'Agonia.

12,30 horas – Almoço Convívio – na “Quinta da Presa” na Meadela. – *Ementa (ver menu)*

#### **Durante o Almoço:**

- Será galardoado, o(a) melhor aluno(a) do ano lectivo 2007/2008 da Escola Secundária de Monserrate, com o prémio oferecido pelo nosso colega “Carlos Reis”.
- Entrega dos prémios relativos aos “X Jogos Florais”.
- Homenagem à distinta Professora da Nossa Escola, Profª. D. Genevêva Marques Proença, e ao Nosso Associado mais idoso, Sr. Hernâni Lopes Guimarães Ferraz.
- Será leiloado um quadro oferecido à AAETEC pelo nosso associado Hernâni Montes.  
(*não é o quadro que ilustra a capa da nossa revista*)

**PREÇO POR PESSOA = 22,50 €**

**Inscrições para o almoço / convívio – até ao dia 11 de Maio de 2009**

Caro Colega, aproveitamos esta oportunidade, para te lembrar (se for o teu caso) para actualizares as quotas, regularizares os calendários/sorteio e nos faças chegar a ficha com os teus dados actualizados por correio ou pelo email (aaetecv@clix.pt).

# MONSERRATE COLABORA

**Contactos:** Sérgio Marinho 968024460 - Fernando Meira 917557253 - Gentil 914705361 - Janeiro 934437365

Luís Bezerra 964088820 - Carlos Couteiro 919736697 - Maria Rosário 962895927

Escola Secundária de Monserrate – Rua de Monserrate – Sala 10 – 4904-860 Viana do Castelo  
Apartado 65 – 4901-909 Viana do Castelo

### Menu Almoço Convívio AAETEC

12,30h. 17 de Maio de 2009 – “Quinta da Presa”

#### **Aperitivos**

**Mesa Regional:** Chouriços Caseiros, Alheira de Mirandela, Pazinha no Forno, Pernil Fumado, Costeletinha Grelhada, Chouriço Criolo, Boroa Caseira e Azeitonas à “Presa”.

**Sólidos:** Sapateira Recheada, Mexilhão ao Vinagrete, Saladinha do Mar, Bolinhos de Bacalhau, Croquetes de Vitela, Rissóis de Camarão, Filetinhos de Bacalhau e Peixe, Boroa Frita, Favas com Chouriço, Pezinhos à nossa moda, Orelheira, Belouras, Tripa Enfarinhada, Salsichinhas, Cogumelos, Rojõezinhos, Moelas, Saladinha de Feijão Frade com Atum e Lascas de Bacalhau com Grão de Bico.

**Líquidos:** Vinho Verde da Quinta, Sumos, Águas

**Quentes:** Creme de Legumes, Bacalhau à “Quinta da Presa”

**Sobremesa:** Leite Creme Queimado – Salada de Frutas Naturais  
Café – Aguardente Caseira, Brandy e Licor

**Bebidas:** Vinho Verde Caves “Quinta da Presa” – Vinho Maduro “Herdade de Esporão-Alandra” – Sumos e Águas

*Quinta da Presa - Meadela – Viana do Castelo – [www.quintapresa.com](http://www.quintapresa.com) – telefone: 258823771 – fax 258842916*



## ■ Relatório do Conselho Fiscal AAETEC 2008

Nos termos do preceituado no Artigo 20º dos Estatutos da AAETEC – Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo de Viana do Castelo. Vem este Conselho Fiscal submeter à Vossa apreciação o seu Relatório de Actividade relativo ao exercício de 2008.

Em reunião havida com o Tesoureiro em exercício e o seu Presidente, procedeu-se à conferência e análise das Contas, tudo tendo sido encontrado na devida ordem.

Em consequência, está assim este Conselho Fiscal em condições de emitir o seguinte:

1. Parecer de que se aprove o Relatório e as Contas da Direcção, relativo ao exercício de 2008.
2. Proposta de que se aprove um voto de louvor à Direcção, pelo trabalho desenvolvido em prol da Associação.

Viana do Castelo, 16 de Fevereiro de 2009.  
O Conselho Fiscal,

## ■ Relatório da Direcção Exercício de 2008

É claro para a Direcção da AAETEC que o ano de 2008 foi um ano fulcral para a consolidação da política de entretenimento dos associados e que desejamos implementar cada vez mais na nossa actividade.

Este sentimento é reforçado quando analisamos este Relatório e Contas que sujeitamos à aprovação dos nossos associados e colegas. De facto, ao longo deste documento está bem patente o esforço desenvolvido este ano nestes dois vectores que são essenciais à prossecução dos objectivos da Associação: promover, desenvolver e criar condições que favoreçam essencialmente os associados nas várias vertentes da sua vivência, com particular incidência na sua mobilidade.

Sucintamente gostaríamos de, nesta mensagem inicial, comentar transversalmente as principais realizações operadas no ano de 2008 nas diversas áreas da ocupação dos tempos livres dos Associados e que demonstram inequivocamente o percurso feito, quer ao nível da consolidação das acções, quer ao nível da organização administrativa da própria Direcção.

Assim efectuamos o delineado no programa de actividades de 2008, com principal incidência no XXVIII Convívio Anual que se repartiu pelas seguintes actividades:

- a) Feitura da Revista Anual, com as implicações que acarretam, arranjar colaboradores disponíveis para os artigos, publicidade e compilação da mesma.
- b) IX JOGOS FLORAIS, que sendo trabalhos dos colegas, e alunos

da actual Escola de Monserrate, obriga da parte da Direcção uma atenção muito especial.

c) 10ª ARTEMAIO, que implica disponibilidade total de todos os colegas da Direcção e de outros colegas e alunos da Escola de Monserrate, sempre prontos a auxiliar a sua montagem.

d) CONVÍVIO ANUAL, que praticamente se inicia com o termino do anterior. A logística é grande e implica sempre a total disponibilidade dos Órgãos Sociais da AAETEC.

No tocante ao entretenimento dos Associados, realizamos vários eventos:

- 1: - A sardinhada, no Largo da Lena, na vizinha freguesia da Meadela, tendo este ano batido o recorde de participantes.
- 2: - O Magusto, como sempre em S. Silvestre, Cardielos, a afluência de participantes também foi marcante;
- 3: - O passeio excursionista a Setubal foi um alegre convívio com a Associação local;
- 4: - O passeio à Curia e ao Bussaco foi a nosso ver um excelente convívio e uma aula prática ambiental;
- 5: - A Ceia de Natal foi na Quinta D. Sapo e correu como era de desejar. Foi um optimo encontro.

No aspecto administrativo:

- Estamos empenhados em formalizar protocolos com diversas Entidades e comerciantes:
- Efectuamos já um protocolo com o ginásio Solinca e também com o AXIS;
- Estamos a finalizar um de seguros e outro com um comerciante da nossa praça.
- Fizemos a encadernação de todas as Revistas publicadas bem como os catálogos da ArteMaio, que podem ser consultados na nossa Sede.
- Estamos empenhados em conseguir a entrada de novos sócios, tendo este ano entrado no nosso seio mais 26 colegas;
- No tocante às contas conseguimos finalizar o pagamento do livro editado, e mantivemos como é habitual controlo das mesmas.
- Assim e deste modo propomos a V.Ex<sup>as</sup>, a aprovação do presente Relatório e Contas.

Viana do Castelo, 31 de Janeiro de 2009

A Direcção,

O Presidente <i>Sérgio Marinho</i>	O Secretário <i>Gentil Morais</i>	O Tesoureiro <i>Luís Bezerra</i>
---------------------------------------	--------------------------------------	-------------------------------------

Aprovado em reunião de Assembleia Geral de 06 de Março de 2009

O Presidente <i>Silvestre Sampaio</i>	O Vice-Presidente <i>José A. Amorim</i>	O Secretário <i>José Luís da Rocha</i>
--	--	---

## ■ Convocatória Assembleia Geral

### ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do art.º 14º dos Estatutos da Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo.

### CONVOCO

Os Associados para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 06 (SEIS) de MARÇO de 2009 pelas 18 (DEZOITO) horas, na Sede da AAETEC, sita na Escola Secundária de Monserrate, sala 10, rua de Monserrate, Viana do Castelo, com a seguinte ordem de trabalhos:

**Ponto um:** Discutir e votar o Relatório de Contas do exercício de 2008 (dois mil e oito) e o parecer do Conselho Fiscal.

**Ponto dois:** Discutir e votar uma proposta do Programa de Actividades e Orçamento para 2009 (dois mil e nove).

**Ponto três:** Diversos.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria simples dos Sócios com direito a voto, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número de associados.

## ■ Concurso de Fotografia da AAETEC

1. Concurso de Fotografia da revista AAETEC, periodicidade anual. Podem participar todos os sócios da AAETEC, participantes dos passeios sazonais e outros eventos de lazer realizados pela Associação.

2. Enviar as fotos para: AAETEC Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo - Concurso de Fotografia, sala 10 - Escola Secundária de Monserrate., Rua de Monserrate, 4901-860 Viana do Castelo.

3. A data limite para a recepção dos trabalhos é o dia 10 do mês seguinte ao passeio ou evento.

4. O tema é livre e cada concorrente pode enviar, um máximo de 3 fotografias de formato 10x15 cm em papel, a cor ou preto e branco, sem qualquer suporte.

5. Não são aceites diapositivos e as fotos concorrentes não serão devolvidas.

## ■ Plano de Actividades para 2009

### PLANO DE ACTIVIDADES

Na sua reunião de 31 de Janeiro, a Direcção da AAETEC aprovou o Plano de Actividades para o ano de 2009 a submeter à apreciação e aprovação da Assembleia-Geral:

#### 1. PASSEIO ROTA DOS CASTELOS

A realizar no dia 07/08 de Março próximo.

#### 2. PASSEIO A SETÚBAL, ÉVORA E BEJA

Passeio em 3, 4 e 5 de Outubro. Além de se pretender visitar estas cidades pretendemos alargar o convívio com Associações congéneres destas localidades.

#### 3. SARDINHADA

A realizar no dia 4 de Julho no Largo da Lena, freguesia de Meadela.

#### 4. MAGUSTO

A realizar no dia 07 de Novembro no monte de S. Silvestre, em Cardielos.

#### XXIX ENCONTRO - CONVÍVIO ANUAL

Esta iniciativa será realizada a 16 e 17 de Maio, cujo programa detalhado será publicado em breve.

#### 5. REVISTA

Uma vez mais procuraremos realizar a feitura da nossa Revista que tão bem tem sido acolhida pelos Colegas e pelos Vianenses em geral. Este ano estamos a formalizá-la no sentido de ser recebida pelos colegas, antecipadamente ao convívio.

#### 6. X JOGOS FLORAIS

Já está em curso a preparação da Edição dos Jogos Florais, que culminará com a divulgação e entrega de prémios durante o almoço do Convívio Anual.

#### 7. XI ARTEMAIO

Igualmente se iniciaram os preparativos para uma grande exposição de trabalhos de pintura, escultura e outras artes de antigos colegas e professores.

#### 8. PRÉMIO MELHOR ALUNO DO 12º ANO

Continuaremos a atribuir um prémio ao melhor aluno do 12º ano da Escola Secundária de Monserrate. Este ano estamos a procurar entre os colegas um mecenas para ofertar este prémio.

#### 9. CEIA DE NATAL

Uma vez mais iremos realizar a Ceia de Natal no 05 de Dezembro.

6. O concurso é limitado aos sócios da AAETEC. Todas as fotos devem ser assinaladas no verso com o nome do autor, direcção, telefone e número de associado da AAETEC.

7. A revista da AAETEC publicará, em cada ano, as seis melhores fotos (três premiadas e três menções honrosas), de cada evento seleccionadas entre as enviadas no prazo previsto.

8. Serão, também, seleccionadas, no mesmo ano, as fotos de um concorrente já premiado nesse ano.

9. Prémios: cada uma das três fotos seleccionadas terá como prémio uma lembrança. O premiado será contactado pela AAETEC.

10. As fotografias premiadas serão publicadas na revista da AAETEC em Maio de cada ano.

11. O júri será composto por dois responsáveis da revista AAETEC e por um fotógrafo de reconhecido prestígio da nossa cidade.



# Axis Wellness

Fitness-SPA Viana do Castelo

## **CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA ASSOCIADOS DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA TÉCNICA DE VIANA DO CASTELO**

### **"AAETEC"**

**75% de desconto no AXIS CHECK UP (Avaliação física inicial + Prescrição de plano de treino)**

**10% de desconto nas diversas modalidades de adesão com fidelização semestral**

**15% de desconto nas diversas modalidades de adesão com fidelização anual**

**Mais informações através do nº 258 847 555 ou através do e-mail [geral@axiswellness.pt](mailto:geral@axiswellness.pt) ou em [www.axiswellness.pt](http://www.axiswellness.pt)**

## **UM NOVO ESTILO DE VIDA!**

Porque os olhos também comem...  
Venha comer com prazer!



F·O·Z  
*Caffé*

Praia do Cabedelo • VIANA DO CASTELO  
Telf. 258 332 485

foz  
grill  
Marina

Cais de Viana • VIANA DO CASTELO  
Telf. 258 825 540

  
**Rodízio Foz Nabrasa**  
RESTAURANTE

Praia do Cabedelo • VIANA DO CASTELO • Telf. 258 332 485

F·O·Z  
E S P O S E N D E

Praça das Lampreias • 4740 ESPOSENDE  
Telf. 253 967 084

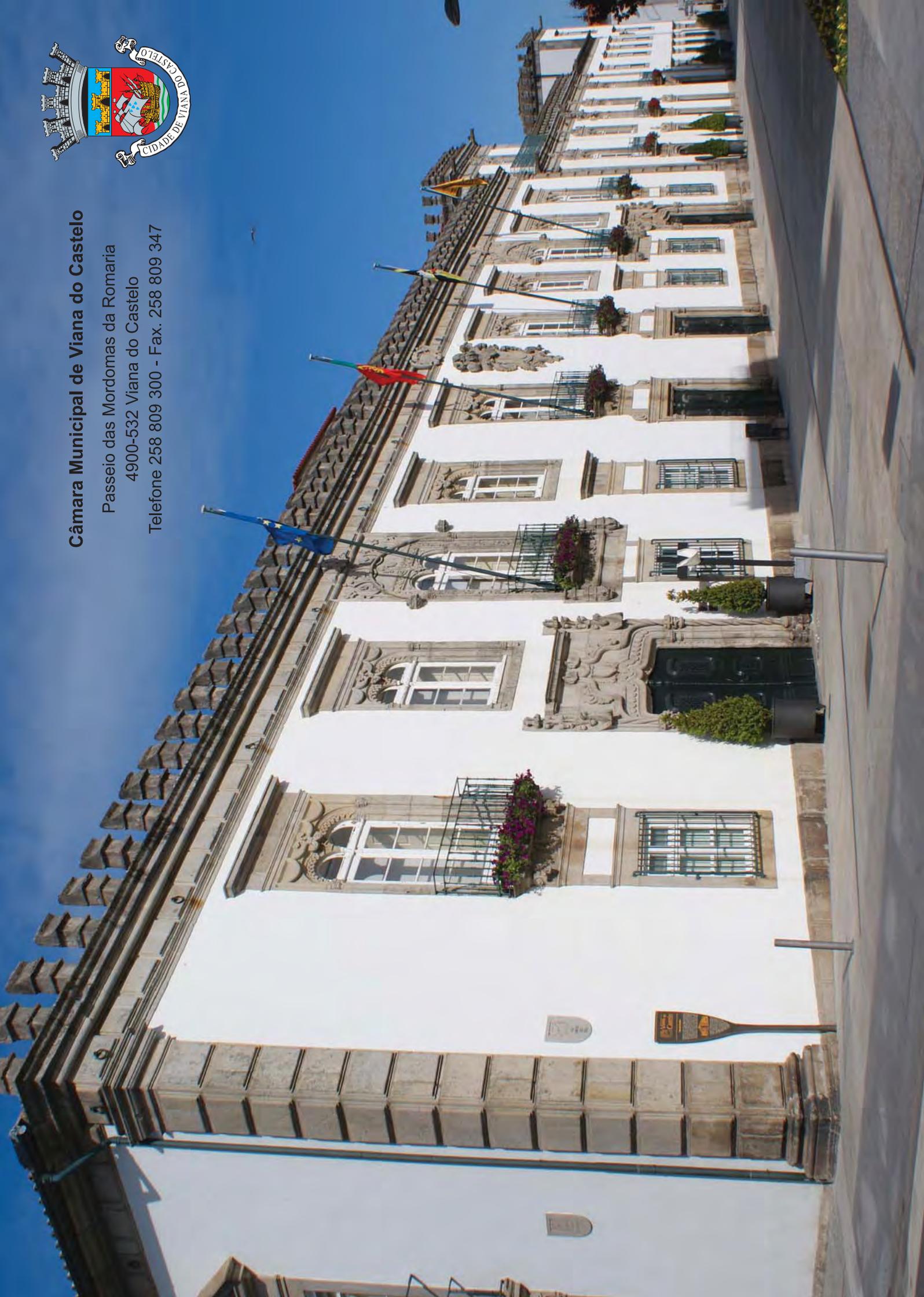


## Câmara Municipal de Viana do Castelo

Passeio das Mordomas da Romaria

4900-532 Viana do Castelo

Telefone 258 809 300 - Fax. 258 809 347





Neste 29º Encontro dos Antigos Alunos da Escola Técnica e Comercial, cumpre-me saudar a AAETEC pela sua dinâmica associativa consubstanciada em programas de cultura e lazer com que, ao longo do ano, mantém viva e actuante uma larga assembleia de amigos que trazem outros amigos e que, nas cumplicidades das memórias, constroem espaços de encontro e criatividade.

Uma palavra de estímulo a todos os artistas que participam na 11ª ArteMaio e 10º Jogos Florais, com apurado sentido estético e sentimento de orgulho e de pertença a esta terra-mãe que é Viana do Castelo, nela bebendo inspiração bastante para transformarem esta exposição num evento cultural que prestigia a cidade e estimula o orgulho de ser vianense.

O tema dos Jogos Florais, *As festas na minha terra*, não poderia ser mais inspirador neste dealbar de Primavera onde a natureza nos prodigaliza a mais pura paleta de tons e perfumes que as mãos das mordomas e mordomos das festas de Maio transformam em ex-libris da arte floral vianense: Os Cestos de Vila Franca, os Andores Floridos de Alvarães ou as coroas de Maio que engalanam janelas e portas das casas deste minho que, revestindo-se de amarelo-maio, eclode em beleza e festa.

Aos organizadores e a todos quantos participam nesta festa de arte, sobretudo os que vindos de todos os pontos do país se fazem ao caminho para matar saudades e celebrar a amizade, desejo os maiores sucessos.

Viana do Castelo, 8 de Abril de 2009

A VEREADORA DA CULTURA

Maria Flora Passos Silva



*A Junta de Freguesia da Meadela  
saúda os Antigos Alunos da Escola Técnica  
e a população em geral.*



*A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior  
saúda os Antigos Alunos da Escola Técnica  
e a população em geral.*



## ■ O MEU TESTEMUNHO

Aproveito este espaço para agradecer à Associação de Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo, pelo reconhecimento que me proporcionam, e a todos aqueles que contribuíram para que, de alguma forma, o tenha merecido. É uma honra ver o meu nome distinguido por uma instituição que se orgulha em não ceder ao conformismo e ao esquecimento.



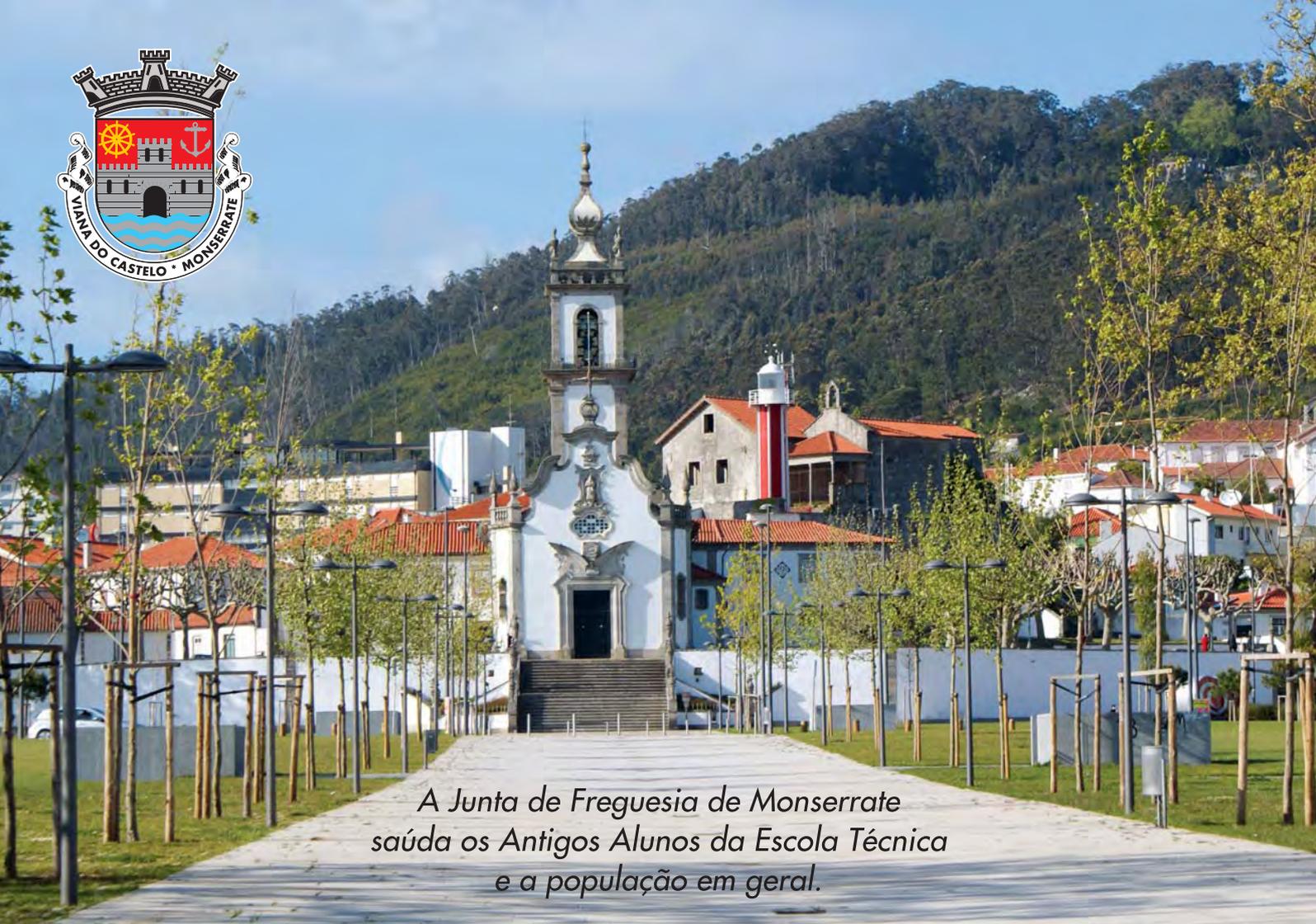
Frequentei a Escola Secundária de Monserrate por apenas um ano, o último antes de entrar na faculdade (uma mudança que antecipava uma maior ainda). Admirou-me a diferença que nela podia observar: pessoas com visões da vida tão divergentes interagiam num mesmo espaço. Como sabemos, escola não é apenas um local de transmissão de conhecimentos que vêm escritos nos mais variados livros. Nela espera-se que ocorra um crescimento não só intelectual, mas também social e psicológico. É neste espaço que somos confrontados desde cedo com a diferença, desenvolvemos conceitos como a partilha, a tolerância, o respeito. A ESM contribuiu também para o meu crescimento nestas áreas.

Como sabemos, o sucesso dos reconhecidos depende das oportunidades proporcionadas por outros muitas vezes invisíveis. Deixo aqui a minha sincera gratidão aos colegas que me acompanharam ao longo da minha caminhada, os parceiros de todos os dias; aos funcionários da escola, grandemente responsáveis pelo ambiente de receptividade vivido; aos professores, pela sua dedicação muitas vezes não reconhecida; e aos pais, os verdadeiros pilares daquilo que somos e erguemos ao longo das nossas vidas.

Mais uma vez, obrigada AAETEC.

Viana do Castelo, 6 de Abril de 2009

*Marta Oliveira*



*A Junta de Freguesia de Monserrate  
saúda os Antigos Alunos da Escola Técnica  
e a população em geral.*



BRAZÕES EM QUALQUER PEÇA



POTES DE VÁRIOS TAMANHOS



PRATOS COM ABA EM ESTANHO



TROFÉUS PARA TORNEIOS



TALHAS PINTADAS À MÃO



PLACAS TOPOMÍNICAS OU DE LOCALIZAÇÃO



PRATOS GRANDES COM ESTOJO



PLACAS COM DEDICATÓRIAS

## ■ Testemunho de gratidão a dois Mestres (Prof. Brandão e Prof. Hermenegildo)

*Grande é aquele que deseja instruir-se; maior é o que se instrui. Porém, muito maior, é o que oferece o que aprende aos demais.*

(de um desconhecido José de Souza).



Nos conturbados tempos de 1975, matriculei-me no Curso Complementar de Mecanotecnia na então Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo, hoje designada Escola Secundária de Monserrate. Tinha acabado o Curso Geral de Mecânica à noite, tarefa árdua para quem, então, trabalhava 9 horas por dia. Nessa altura, tinha dúvidas quanto ao meu futuro escolar, já que, ensino superior só no Porto e apenas no Instituto Superior de Engenharia, visto que, para entrar na Universidade, era preciso frequentar o liceu. Muitas portas estavam sem acesso. O 1º ano do curso Complementar de Mecanotecnia correu bem, mas não foi famoso. Veio o 2º ano e encontrei dois professores nas disciplinas chave. A Matemática tive o Prof. Brandão e a Física o Prof. Hermenegildo. As aulas eram dadas com competência, saber e gosto por ensinar, aquilo a que podemos chamar dois craques do ensino. Consultando os arquivos da memória, ainda hoje me lembro da forma como o Prof. Hermenegildo ensinava os movimentos vibratórios em física, e ainda revejo o quadro das aulas de matemática do Prof. Brandão escrito metodicamente com rigor, saber e gosto por ensinar. A Física e a Matemática tornaram-se, então, tão agradáveis, que aos Domingos de manhã, juntamente com o meu irmão Duarte, com o Alberto Rego, o Juvino e outros, estudávamos num café em Viana, já que durante a semana, para trabalhar e ter aulas, o tempo era curto e se quisesse estudar um pouco mais, tinha que roubar o tempo ao sono e apesar do corpo jovem, o sono muitas vezes protestou, não estando de acordo com essa política. O ano correu tão bem que estes dois mestres (da Física e da Matemática) acabaram por traçar um novo rumo para a minha vida. Acabei o curso com uma média geral razoável, mas a Física e a Matemática, graças a estes dois mestres, acabei por superar as minhas expectativas. Pensei então em estudar engenharia. Mas onde? O Porto, então, era demasiado longe, não havia A28, duas horas para cada lado era um bom tempo! Que o digam o Eng. Lages (Solimauto) ou o Eng. Castro (Estaleiros) que por lá terminaram os seus cursos. Mas o Prof. Brandão e o Prof. Hermenegildo incutiram em mim tal confiança que, ir para a Universidade estudar Engenharia se tornou para mim um sonho. Se as portas por cá continuavam fechadas, há que procurar novos rumos, pensei. O tempo era propício às mudanças. Deitei mãos à obra, concorri a diversas bolsas de estudo e 2 anos depois estava à porta do sonho. Tinha conseguido saltar a “cortina de ferro” e obtido uma bolsa para estudar Engenharia Mecânica na Universidade Técnica de Bratislava na então Checoslováquia.

Comecei por aprender a língua eslovaca, juntamente com mais 4 portugueses, companheiros do sonho, e no ano seguinte aprovei no exame de admissão à universidade. Por lá me mantive seis anos, mas regresssei a Portugal em 1985 com o diploma de Licenciado em Engenharia Mecânica e com o de Mestrado em Engenharia Automóvel. O sonho tinha-se cumprido, mas estava longe de terminar. Tornei-me docente no Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade Nova de Lisboa. Se quisesse continuar na carreira docente universitária, tinha de obter o Grau de Doutor em Engenharia, o que foi concluído em 1999 na Universidade do Minho.

Para terminar gostaria de dizer que num tempo em que o Ministério da Educação trata tão mal os professores, foi graças a dois mestres (Prof. Brandão e Prof. Hermenegildo) que arranjei fôlego para a minha longa caminhada. Assim, Física e Matemática ainda hoje fazem parte do meu dia a dia. Bem hajam, estes e outros mestres que transformam as nossas vidas, tornando fácil aquilo que se nos apresenta difícil. Obrigado Prof. Brandão, Obrigado Prof. Hermenegildo.

Manuel Gilberto Freitas Santos

– antigo aluno da Escola Secundária de Monserrate.

**Utilize o Porto de Mar de Viana do Castelo**

- ▶ **CONSULTORIA ADUANEIRA**
- ▶ **AGENTES DE NAVEGAÇÃO**
- ▶ **OPERAÇÕES PORTUÁRIAS**
- ▶ **FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA**
- ▶ **LEGALIZAÇÃO DE AUTOMÓVEIS**
- ▶ **SEGUROS EM TODOS OS RAMOS**
- ▶ **INTRASTAT**

*Consulte-nos!*



**A. ESPERANÇA**

Serviços & Logística

**a.esperanca@net.novis.pt • Tel.: 258 813 543 • Fax: 258 813 544**

## ■ A Educação e a Formação dos Jovens

Constitui um inegável êxito, a iniciativa promovida pela Escola Secundária de Monserrate na demonstração de como funciona esta modelar instituição pública de ensino, no âmbito da formação académica-profissional dos seus alunos.

Visitando informalmente as instalações da referida Escola, concluímos pela excelência da sua funcionalidade, pelo elevado valor pedagógico dos formadores e da sua competência com o objectivo de conquistar o interesse dos alunos pelas áreas por eles escolhidas, e que são verdadeiras especialidades práticas, e úteis para as exigências da vida corrente.

Verificamos as oficinas impecáveis e funcionais de carpintaria, de serralharia, de electricidade e mecânica, das artes, da cerâmica, aos laboratórios práticos de biologia, física e química, à informática, à oficina e laboratórios de construção civil, tudo organizado de uma forma exemplar, em que constatamos que os professores para além da sua função de instruir, promoviam e incentivavam o interesse dos alunos pelo seu trabalho.

Notamos que eram os próprios alunos que se ofereciam para nos explicar o funcionamento de determinados sistemas e o faziam de uma forma entusiástica mas serena e competente.

Pois a semana das profissões e do ensino superior efectuada pelo quarto ano consecutivo e promovida pela Escola Secundária de Monserrate, obteve um enorme êxito quanto à divulgação do seu elevado nível, demonstrando uma enorme concepção de organização e extraordinária visão de como, actualmente, se deve encarar a formação académica e profissional da juventude.

E a propósito, pode acrescentar-se que a riqueza de um País só pode afirmar-se pelos seus recursos humanos, pela sua qualificação e competência.

Aí está a elevada função dos formadores da juventude quando sabem encaminhá-la para o futuro, como o aproveitamento dos recursos humanos e materiais da própria Escola para o melhoramento das próprias instalações, numa sugestiva interpretação da intercomunicação entre alunos, professores e dirigentes.

Foi o que constatamos na visita à Escola Secundária de Monserrate com uma afluência de uma média de 480/dia alunos de outras Escolas que a visitaram, numa afirmação de interesse e cativação pelas profissões apresentadas.

Os nossos agradecimentos pela simpática disponibilidade do Dr. Moranguinho, Presidente do Conselho Executivo, que nos acompanhou na visita e nos proporcionou todos os esclarecimentos sobre o funcionamento da Escola, que possui cerca de 230 professores, 2.500 alunos nos cursos diurnos e nocturnos e de outros funcionários.



*Rui Fernandes*



SOUSA PINTO  
**SEGUROS**

*João Lopes Sousa Pinto*  
(Consultor de seguros)

Rua Sá de Miranda, 49 - 1ºC • 4900-529 VIANA DO CASTELO  
Tel./Fax: 258 824 359 • Tlm. 962 695 754  
email: joaosousapinto@sapo.pt

## 50 anos ao serviço do comércio tradicional

*Calçado:*

- \* *de conforto*
- \* *de trabalho*
- \* *ortopédico*
- \* *de desporto*
- \* *de agasalho*
- \* *de passeio*



- Botas d'água*
- Guarda-chuvas*
- Botas de couro*
- Chinelos*
- Pantufas*
- Chapéus*
- Bonés*
- Bengalas*

***Casa Meira's***

*de Maria Auzenda Varajão Meira, Herdeiros*

Rua Gago Coutinho, 116-118 • VIANA DO CASTELO

## ■ Os Seguros e a Mediação

Hoje em dia com facilidade encontramos sinalética de mediadores de seguros, e logo compreendemos que o mediador é todo aquele que medeia, que serve de intermediário, que representa as Companhias de Seguros.

Para se ser um bom mediador, tem que ser alguém, que de forma profissional, correcta, honesta e imparcial gere os contratos, sinistros e eventuais conflitos entre o cliente (segurado) e a sua representada (seguradora).

Este binómio tripartido tem por um lado a Seguradora que o mediador representa, tem do outro lado o Segurado, que o mediador representa igualmente, perante a Companhia de Seguros. Obviamente que, como interlocutor, quer do Segurado, quer da Seguradora, o mediador tem que ser uma pessoa bem formada, e sobretudo com capacidade de gerar consensos, estabelecer a ponte entre ambos e aconselhar de forma correcta e imparcial os seus clientes.

É por vezes um equilíbrio instável.

O segurado pretende pagar sempre o menor prémio pelo seu seguro, ter boas coberturas e garantias e uma Seguradora idónea, credível e que em caso de sinistro o resolva com eficácia e rapidez.

A seguradora, naturalmente segura os bens e responsabilidades dos seus segurados e cobra por isso um prémio que está metrizado por vários factores, nomeadamente pela concorrência com que o mercado funciona.

O mediador aparece então como o Agente potenciador deste dialogo, desta corrente de confiança, desta relação quase familiar que leva um segurado a dizer com orgulho, de quem tem a certeza de que está “seguro” que diz “a minha seguradora” ou “o meu mediador trata-me de tudo”.

Este conceito de confiança e de orgulho que o Segurado demonstra muitas vezes vem-lhe do facto de, para além de ter confiança e a garantia, de uma boa Seguradora, tem também a certeza, de que o seu mediador o aconselhará e o ajudará a resolver, aquele imponderável ou azar, que acaba por ser penoso para todos: O segurado, a seguradora e o próprio mediador.

Por isso, normalmente, o mediador é um factor chave na resolução de conflitos e na confiança que consegue manter, reforçar e muitas vezes restabelecer entre as partes.

O mediador tem que ser conselheiro, advogado, juiz e até confidente do segurado sem nunca perder a sua personalidade, que leva uma seguradora a dar-lhe a sua imagem, a representação dos seus interesses e a promoção e venda dos seus negócios.

Com isto um mediador não pode ser uma pessoa passiva. Tem que ser uma pessoa pró-activa, geradora de consensos e merecedora de confiança, para as partes envolvidas.

Será uma tarefa fácil? Certeza que não.

Não é fácil demonstrar a um segurado convencido da justeza das suas pretensões e das suas razões, que afinal, a sua visão não está correcta, ou simplesmente não tem razão, porque outro a terá.

Pilatos não podia ser mediador. Foi isso que lhe pediram, mas ele lavou as mãos. Um mediador, tem de ter as mãos lavadas, mas não pode lavar as mãos.

Tem de assumir as responsabilidades por terceiros, quer se trate da Seguradora, quer do Segurado.

Tem que saber gerar consensos e gerir conflitos.

Isto não é fácil e não é para todos





**economio**

*o seu negócio em boas mãos*



**Contabilidade**

Organização e Tratamento de Dados

### ■ Sócios falecidos c/ conhecimento da AAETEC

Georgina Gonçalves Neves de Sá

faleceu a 15.11.2008

### ■ Georgina Gonçalves Neves de Sá

Fez parte dos Órgãos Sociais da AAETEC entre de 1996/1998 como vogal da Direcção.



À Gina...

"Quem vive e crê em Mim, não morrerá",  
Afirmou Cristo a Marta há 2000 anos!  
Por isso, tu, continuarás cá,  
Mesmo assim, na memória dos humanos...

Mas há uma ponte, apesar dos enganos;  
Um dia toda a gente saberá  
Ler na Sabedoria dos Arcanos  
E qualquer mistério, desvelará!

E não é preciso ler nas estrelas!  
Tu, naturalmente, estarás a vê-las,  
Nessa viagem de regresso ao Lar...

Tudo é possível, noutras dimensões;  
Mas tu ficas em nossos corações  
E onde estivermos, tens o teu lugar!

*J. Franco*  
Sócio n.º 132

## ■ A Minha Antiga Escola e o Nosso Velho Minho

Velha terra, como nenhuma outra, impugnada de obscuras lembranças às evocações do nosso espírito.

Nós podemos falar do nosso velho Minho como também podemos da mesma maneira falar da minha antiga escola.

A nossa querida e Antiga Escola com os nossos não menos queridos e antigos professores, Dr. Albano, Dr. Amaral, Dr. Pitta, Dra. Maria de Lurdes, etc., etc., e o velho Minho com os seus Castros e Citânias.

E em todo o Norte de Portugal como se sabe, existem, apesar das rudes distribuições e do natural desgaste erosivo, sinais de vida pré-histórica. Esta breve alusão à antiguidade tem por objectivo de me lembrar e também relembrar a todos aqueles que porventura teriam esquecido, a citânia de Santa Luzia onde durante alguns anos fui guarda e guia “permitindo-me assim continuar a estudar no curso da noite, da nossa tão querida Escola Comercial e Industrial de Viana do Castelo.

Com os anos que passam, tenho a impressão que tudo isto aconteceu ontem. Viagens a Santa Luzia, viagens até o promontório da Serra d’Arga.

Ora, é neste velho Minho que se encontra Viana, que não é aquela que a minha juventude conheceu e também aquela pela qual os meus olhos choram de saudades.

A este respeito poderia citar Manuel Conto Viana “Ferro velho” memórias e estudos.

...Viana do Castelo, à minha formosa cidade, mais linda que todas as mais, dedico e consagro este meu trabalho, como prova de muito que lhe quero, embora nem tudo quanto nele narro se tenha passado dentro dos seus muros ou diga respeito à vida de muitos dos seus naturais.

Mas eu é que sou Vianense! Isto foi escrito em 1989.

A questão é, que diria ele hoje da nossa cidade?

Quanto a mim, o sentimento é o mesmo, a minha antiga escola é a melhor como a minha antiga cidade e o seu povo são os melhores.

Como na carta de um ausente: “é um truismo a afirmação da ausência acrisolar o amor que visceralmente se dedica à pessoa ou coisa que se vive afastado”.

Mesmo ainda hoje, e já lá vão mais de 45 anos, quando me dizem do mal de Viana, a cidade que me viu nascer, são agulhões que se me ficam na alma sobretudo quando são estranhos que me vêm dizer que Viana não é a nossa Viana.

### **Viana não pode ser desamada!...**

Os responsáveis, essencialmente autarcas devem obrigatoriamente conhecer a história da povoação, e assim respeitar as ditas povoações, e os Vianenses, na sua diversidade.

Sob o signo da modernidade, devem obedecer a certos princípios fundamentais princípios relativos à nossa memória colectiva.

O modernismo não é a melhor coisa que se faz na humanidade, e o melhor que nós podemos deixar em herança aos nossos descendentes.

**Para concluir, direi como é óbvio, que o rio é a morte de muitas fontes e o mar é a morte de muitos rios; mas o Rio no mar é mar, como os Vianenses em Viana e fora de Viana são para sempre Viana.**

Não nos esqueçamos que:

“Portugal é uma Raça, porque existe uma Língua portuguesa, uma Arte, uma Literatura, uma História, uma Actividade moral portuguesa; e, sobretudo, porque existe uma Língua e uma História portuguesas” (Cfs. Teixeira de Pascoães)

Arte de ser Português



Bem Hajam  
Carlos dos Reis (França)  
Sócio n.º 106

### ■ Investidura - Carlos dos Reis



### ■ Manuel Ferreira

Manuel da Silva Ferreira, nasceu a 25 de Outubro de 1933, filho de António José Ferreira trabalhador no Tribunal de Trabalho, já falecido e de Adelina Rodrigues da Silva (doméstica). Tem 2 irmãos: o José Luciano Ferreira que morreu solteiro, no dia de S. José de 2003, e a Hemergarda Ferreira, viúva duas vezes e com uma filha casada e uma neta que já é Psicóloga.

Manuel estudou na Escola Comercial, mas desistiu por motivos de doença. Foi para a Mocidade Portuguesa e, no 25 de Abril, foi para funcionário público na Escola Pedro Barbosa como contínuo, hoje auxiliar de educação, onde se reformou em 1995.

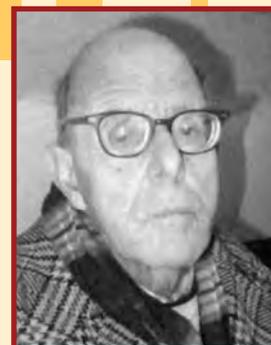
Agora vive da reforma e ocupa o tempo a passear, a ler e a falar com os amigos.

Ele tem uma característica especial e toda a gente sabe que sim. Em fracções de segundos ele é capaz de dizer o dia da semana de qualquer ano e mês. Muitos se dirigem a ele para saber o dia do nascimento ou casamento, etc... Que dia da semana era a 21 de Setembro de 1921. Perguntei-lhe como é que ele respondia de imediato. Ele fez as contas de cabeça. Disse que aprendeu pelos calendários antigos e que há uma norma para saber disso. Ele tem-na em casa. Já tem o calendário feito até 2064 e que o fez desde 1955.

O Manuel mantém-se solteiro e nunca pensou em casar. É muito conhecido na cidade, goza de muita simpatia e vive na Portela de Baixo, mas actualmente está com a irmã.

O Manuel é um bom homem, amigo de fazer bem e sempre pronto a procurar resolver problemas aos outros... é uma figura típica e popular da nossa cidade.

Para quem não sabe, procure que ele, na mesma hora, no mesmo momento, diz-lhe o dia da semana em que vai fazer as bodas de prata ou de ouro do seu casamento, ou se não souber, sabe o dia em que nasceu.



*Paróquia Nova - Fevereiro 2005*



*...onde o sonho se transforma em realidade.*

# Quinta da Presa

desde 1980



Meadela - Viana do Castelo  
[www.quintapresa.com](http://www.quintapresa.com) - [quintapresa@mail.pt](mailto:quintapresa@mail.pt)  
telefone 258 823 771 - fax 258 842 916

## ■ 11ª ARTEMAIO 2009 – ARTISTA CONVIDADO

### Hernani Felicio Montes



Natural de Viana do Castelo, onde nasceu em 6 de Abril de 1941.

Autodidacta, sem nunca ter qualquer formação artística, realiza a sua primeira participação pública em 1971, no Leste de Angola, na cidade do Luso. Ainda em Angola, no Norte, em 1973, organiza uma outra exposição na vila de Quiculungo.

Em 2003, em Viana do Castelo, nasce a última exposição individual

Em 1975, regressado de Angola, participa na Arte na Rua, com o quadro “O vício” que mereceu o seguinte comentário na Aurora do Lima de 5/8/1975, por RACFER:

“... o seu óleo, *O Vício*, assustou-me pela límpida realidade das consequências do tabaco. A expressão do personagem foi tratada sem primores desnecessários. Bom trabalho este.”

- “Viana o Tempo e a Arte”, homenagem a Severino Costa, em 1976.
- Exposição 25 de Abril, no Governo Civil de Viana do Castelo, em 1991
- “Arte e Solidariedade” em 2000.
- Exposição de Arte-Artistas Vianenses (comemorações do 30º aniversário da EDV.), em 2006.
- De 1999 a 2004 e 2007, 2008 colectiva ARTEMAIO.
- De 1999 a 2003, colectiva MONSERRARTE.
- Prémio de Pintura e Escultura “Artistas do Alto Minho”, em Vila Nova de Cerveira, nos anos 2000, 2002, 2004, 2006 e 2008.

- 2001 – Concurso de pintura “Pintar Ponte de Lima”
- 2002 – Concursos de pintura “Pintar a Barca”, Pintura ao ar livre “Cidade de Viana do Castelo.

*De 1999 a 2002 e 2004, coordenador da Revista da AAETEC.*

*De 1999 a 2004 organiza a. ARTEMAIO, com a inestimável colaboração de Elder Carvalho e Araújo Soares, e a boa vontade do mestre Simões na mobilização dos seus alunos (antigos alunos da Escola Técnica), para nela participarem. Sem esquecer a colaboração solidária de todos os órgãos sociais, com destaque para o Sousa Pinto.*

Nota: O Saudoso Amigo Araújo Soares e a ARTEMAIO.

Deliberado pela Direcção, que para o Encontro do ano de 1999 a exposição colectiva de artistas antigos aluno era para avançar, procurei a colaboração do Elder e do Araújo

A preparação da ARTEMAIO começava cedo. Logo no princípio do ano começava a “chatear” o Elder e o Araújo.

A primeira reunião ficou marcada para o atelier do Elder.

Por consenso, é escolhido o nome de ARTEMAIO para a exposição. Mas no MAIO o I é uma flôr: isso deve-se ao Araújo, que ali colocou a sua Arte, a sua atitude criadora.

ARTEMAIO

# Dínamo Seguros

Duarte Miranda  
(Agente de Seguros)

Soluções para as suas necessidades

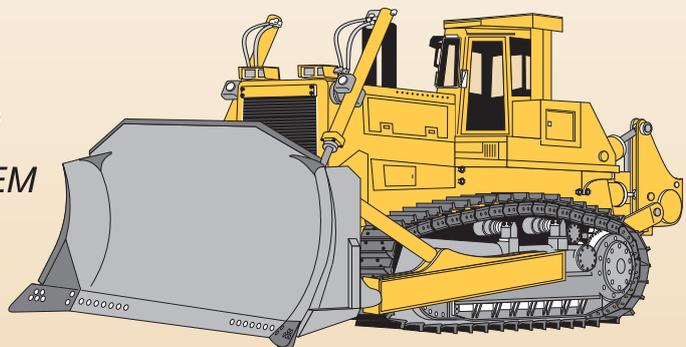


Centro Comercial 1º de Maio - Loja G - 4900 - 534 Viana do Castelo  
Tel/Fax: 258 109 226 - Tlm: 963 107 480 - [dinamo.seguros@gmail.com](mailto:dinamo.seguros@gmail.com)



**Coelho Gomes & Filhos, Lda.**

- *MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO*
- *SERVIÇO DE TERRAPLANAGEM*
- *TRANSPORTES*



**RUA DA ARGAÇOSA, N.º 22 - MEADELA - 4900-394 VIANA DO CASTELO**  
**TELEF. 258 841 104 - FAX 258 841 145**

### ■ Visita da “AAETEC” ao “Axis Wellness”

Foi no dia 14 de Março de 2009, pelas 15,00 horas que a “AAETEC”, realizou uma visita às instalações do ginásio Axis. Visita anunciada a todos os nossos associados.

Lamentamos a falta de participação, pois poderiam ter uma aula de hidroginástica (grátis).

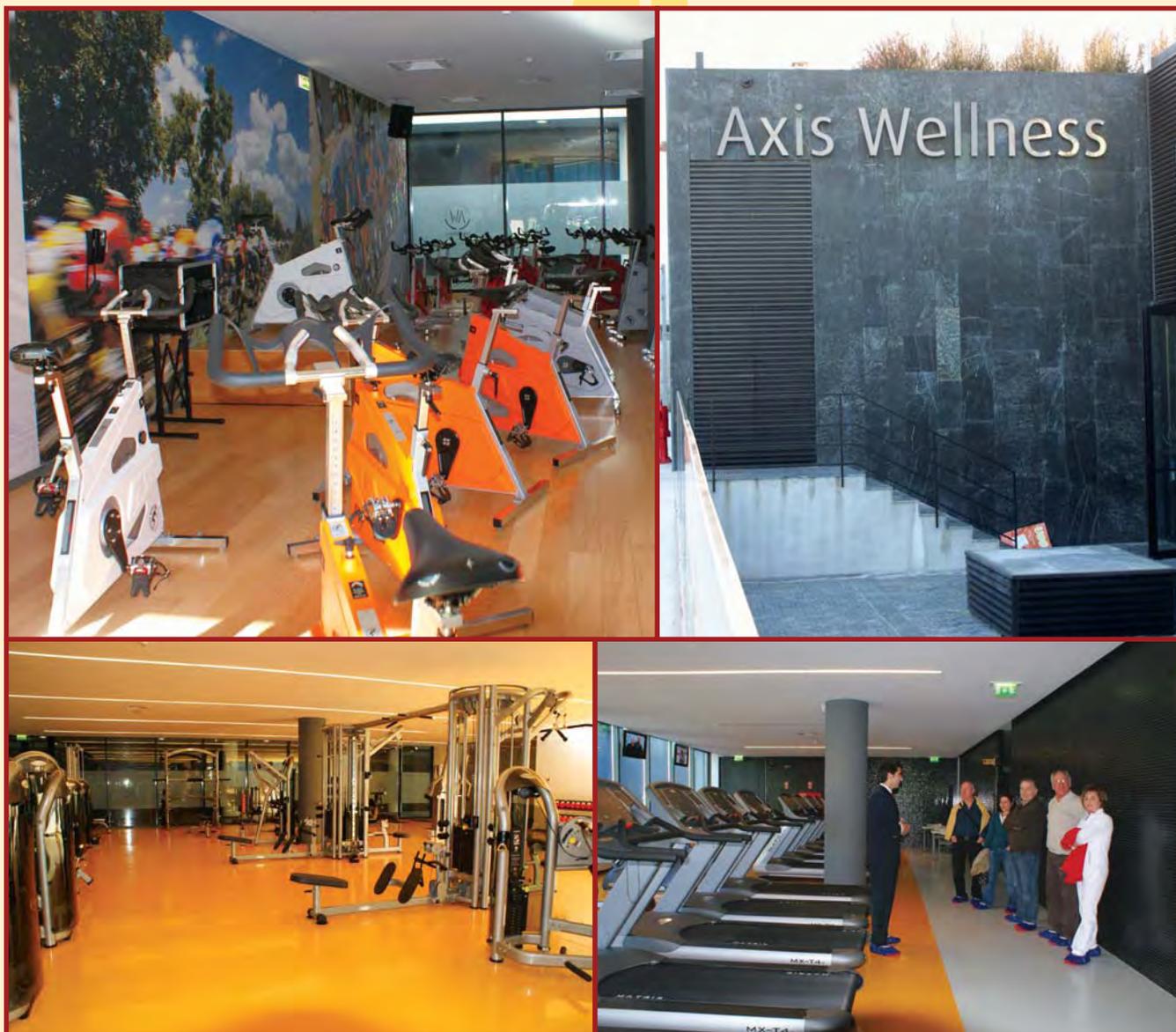
Apenas compareceram 8 dos muitos sócios que somos. Mesmo com poucos, a visita realizou-se, e sempre com o máximo profissionalismo do guia Ricardo Arieira.

Gostamos do que vimos. E porque gostamos, aconselhamos os nossos associados em geral, a visitarem o ginásio “Áxis Wellness – Fitness-SPA Viana do Castelo” sita no Hotel Áxis em Viana do Castelo.

Recomenda-se!



*Gentil Morais – sócio nº 131*





Promotores financeiros

**Fernando José Oliveira Matos**  
**Luís António Fonseca da Silva Azevedo**

Largo de S. Domingos, 104/106 | 4900-330 Viana do Castelo  
Tel: 258 817 600/1 | Fax: 258 817 602 | e-mail: [integralseguros@sapo.pt](mailto:integralseguros@sapo.pt)

**Cambão**



**mobiliário**

*Puro bom gosto*

**12% Desconto**  
**no mobiliário**  
**para os associados**  
**da AAETEC**

Rua de Monserrate, nº 550 e 571 - 4900-355 Viana do Castelo  
Tel: 258 800 780 / 3 / 4 - Fax: 258 800 781  
Email: [comercial@mobiliariocambao.com](mailto:comercial@mobiliariocambao.com)  
[www.mobiliariocambao.com](http://www.mobiliariocambao.com)



### ■ Feira das Associações de 27/07 a 02/08/2008

Após a realização da Feira do Livro, a Câmara Municipal de Viana do Castelo, realizou uma vez mais a tradicional “Feira das Associações”.

Desta vez, a nossa associação, esteve presente neste evento com um pavilhão.

Devido ao mau tempo que se fez sentir nessa semana, foi pouca a afluência quer ao nosso pavilhão, quer à generalidade da feira. Mesmo assim, ainda angariamos alguns sócios, vendemos livros, postais, etc.

Para o ano de 2009, contamos em estar novamente presentes com um pavilhão que mais uma vez, dignifique a AAETEC, como o fazemos em todos os eventos que realizamos e participamos.

Mas, também contamos com uma maior participação dos sócios.

*Gentil Morais – sócio nº 131*



**AUTO-SERVIÇO  
ESPECIALIDADE EM CAFÉ**

**VARIADO SORTIDO EM GARRAFEIRA**

Rua Manuel Espregueira, 34 • Tel. 258 822 586



# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ XXVIII ENCONTRO



# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ XXVIII ENCONTRO



# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ XXVIII ENCONTRO



# Ameadella Pastelaria

combinações únicas  
para um gosto inesquecível...



# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ SARDINHADA



# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ SARDINHADA



## ■ Passeio para recordar

AROUCA, LUSO, CURIA e ANADIA, foram os locais escolhidos, e bem, pela AAETEC, para mais um passeio de confraternização.

Os dias 4 e 5 de Outubro de 2008 foram, aliás como já é apanágio nestes encontros, dois dias de alegria, convívio e muita amizade.

O amanhecer do dia 4 antevia sol embora uma pequena brisa matinal se fizesse sentir. Mas às 7 da manhã, todos os participantes inscritos compareceram junto à sede da nossa Associação.

A 1ª paragem foi na Cidade Invicta para “embarque” de alguns colegas radicados na zona, entre os quais o sempre bem-disposto e humorado Leopoldo, mais conhecido por “NR” (Nascido na Ribeira).

O pequeno-almoço foi servido na paragem seguinte - uma área de serviço - onde aproveitamos para também desentorpecer as pernas.

Seguidamente rumamos, como estava planeado, a Arouca que é uma vila portuguesa conhecida pela sua excelente gastronomia e doçaria conventual.

Na freguesia de Canelas fizemos uma visita ao Museu dos Fósseis. Fomos orientados na mesma pelo responsável do Museu que nos deu breves explicações sobre a forma como foram descobertos os diversos fósseis expostos. Este Museu visa a preservação e a divulgação de algumas das maiores, mais raras e até únicas espécies de fósseis do mundo. Também tivemos oportunidade de verificar localmente como se processa a transformação da ardósia.

A hora do almoço aproximou-se e fomos conduzidos a um excelente restaurante local. Já à mesa deixamo-nos levar pelo sabor tentador da carne de vitela arouquesa que, pelo que nos foi dito, é criada em liberdade, nas encostas da Serra da Freita. A tenra vitela assada no forno, acompanhada de batatinhas estava divina, bem como as sobremesas, sendo tudo “regado” com o bom vinho da região.

Já à tardinha, esperava por nós o Grande Hotel do Luso que era o próximo porto de abrigo.

É um 4 estrelas situado na encosta da Serra do Buçaco e está integrado na instância termal do Luso. A sua localização é privilegiada e aqui está-se em contacto permanente com a natureza.

Distribuídos os quartos - muito confortáveis, com T.V. e ar condicionado - aproveitamos para um retemperador duche e preparámo-nos para o jantar.

Na sala de jantar, de esmerado requinte, era visível o apuro e o profissionalismo de todos os empregados que começaram por nos servir um delicioso creme de ervilhas, logo seguido de um magnífico bacalhau com natas. O excelente vinho da Bairrada acompanhou todos os pratos e as saborosas e variadas sobremesas.

Depois de uma noite bem passada e melhor dormida tomámos

o pequeno-almoço no Buffet do Hotel. Carregadas as baterias, partimos manhã cedo de Domingo, para o Buçaco.

Fiquei encantada com toda a zona envolvente ao luxuoso Hotel do Buçaco - o Palace Hotel do Buçaco - Este fica situado na Mata Nacional do Buçaco e é um conjunto arquitectónico único na

Europa, categorizado como um dos mais belos e históricos hotéis do mundo e está rodeado de uma extensa floresta verde onde se encontram capelas, grutas e miradouros.

Como os jardins e parque envolvente são de uma beleza rara aproveitaram todos os participantes para tirar umas fotos e registarem, através de vídeo, imagens inesquecíveis para mais tarde recordar.

Seguimos para a famosa estância termal da Curia, no coração da Bairrada, onde pudemos apreciar e passear pelo parque, lago e jardins. É uma verdadeira mancha verde, onde se sente o raro prazer de viver um sentimento de liberdade, de espaço e respirar ar puro.

A Curia é um lugar bonito, onde reina o verde, a água, as flores e as árvores. Como estava uma manhã de sol radiante foi aqui que aproveitamos para a tradicional “foto de família”.

A cidade de Anadia recebeu-nos para o almoço. Num restaurante regional de excelente categoria foram-nos servidas as boas e afamadas carnes da Bairrada. Divinais sobremesas e a rica pinga da região fizeram que a boa disposição reinasse entre os convivas. Melhor ficaram quando o sempre folgazão Zé Mendes, acompanhado da sua concertina, pôs toda a malta a cantar e a bailar. Até um outro grupo excursionista - por sinal também de Viana - aliou-se ao nosso e houve festa rija.

O regresso a Viana do Castelo decorreu animado, embora se notasse uma certa ansiedade, por parte de alguns fanáticos do futebol, que queriam não chegar muito tarde para pudermos assistir, na TV, a um jogo entre dragões e leões e onde as águias ficariam satisfeitas se o desfecho fosse um nulo.

Graças a Deus chegámos bem e com saúde.

É de felicitar a organização e todos os participantes por mais um fim de semana de alegre e saudável convívio.

Viana do Castelo, Outubro de 2008-10-18

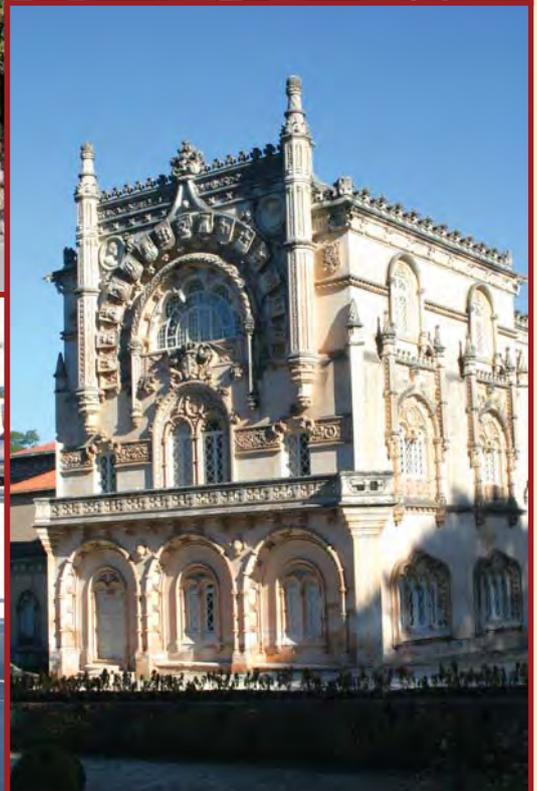


Ana Maria Alves de Castro Mendes

# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ CURIA



# AS NOSSAS INICIATIVAS

## ■ Magusto no dia 08 de Novembro de 2008

Mais uma vez, a AAETEC foi ao Monte de S. Silvestre em Cardielos, realizar o já tradicional “Magusto de S. Martinho”, sendo mais uma vez um sucesso. E mais uma vez a participação dos associados, foi elevada. Não faltaram com nada. Nós oferecemos as castanhas.

Realizamos este evento no dia 8, porque o dia verdadeiro de S. Martinho é o dia 11. Mas como era num dia de semana, não nos era possível a sua realização.

E por citar S. Martinho, vocês sabem quem foi? Eu, consultei uma enciclopédia, e lá vem escrito o seguinte:

*Martinho (São), bispo de Túrones, n. na Hungria, discípulo de Santo Hilário; m. em Candes (Touraine) entre 396 e 400. Começou por ser Soldado, tornou-se célebre pela sua inesgotável caridade, dividindo, diz a lenda, num rigoroso Inverno, o manto que o cobria, com um pobre que, mal agasalhado, tiritava com frio.*

*Exerceu, na Igreja das Gálias, uma influência considerável. O seu Túmulo é um lugar de peregrinação: a basílica que lhe é sobranceira, foi o asilo mais venerado de toda a Gália. O rei de França era abade de São Martinho. A sua vida foi escrita por Sulpício Severo e por Gregório Túrones. de – verão de São Martinho, os últimos dias Lindos que se gozam no fim do Outono, nas proximidades de 11 de Novembro, dia de São Martinho.*

Gentil Morais – sócio nº 131



## ■ A AAETEC lembra-se do teu aniversário. E tu, lembras-te da AAETEC?



Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo

Fundado em 17/05/1980

### ANIVERSÁRIO



A Associação, deseja-lhe sinceros parabéns pelo dia  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, do seu aniversário.

Que esta data festiva que hoje celebra se repita por muitos anos  
para alegria e felicidade de todos os seus familiares e amigos.

A Direcção

# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ MAGUSTO



# AS NOSSAS INICIATIVAS

## ■ Festa de Natal de 2008

No imparável rolar do tempo, chegou Dezembro de 2008. Inverno, dias frios e curtos. Mês do Natal, das festas de família, das confraternizações dos amigos, que muitas vezes são mais próximos que os parentes, dos colegas e ex-colegas por quem sentimos mais afecto e, enfim, dos conhecidos a quem desejamos Bom Natal e Festas Felizes.

Com este espírito de confraternização, a AAETEC organizou mais uma vez a festa do Natal, relembrando a convivência e as amizades dos nossos tempos de estudantes, que tanto nos apraz recordar ao longo da vida. E lá fomos nós celebrar para o restaurante da agradável Quinta D. Sapo, próxima de Viana.

Em ambiente de festa, os convivas iam aparecendo, em sessão de cumprimentos, beijos e alguns abraços, alguns pela primeira vez nestas festas ( o que é bom para que a tradição se prolongue no tempo ) e lá se foram petiscando as entradas e provando as bebidas, entre as conversas, as novidades e as recordações, até à chegada do venerado bacalhau, seguida das sobremesas e do simbólico bolo-rei.

Alguns discursos, distribuição de rifas (que convem não esquecer de vender, porque a AAETEC precisa de fundos) e, para animar a festa, entrou na sala um grupo de Perre a tocar e a contar as Janeiras, com vozes fortes e bem afinadas.

Mais ainda, e não vindo do céu estrelado da Lapónia nem entrando pela chaminé, como há muitos anos acreditávamos, mas dum modo mais terreno, o Pai Natal também foi distribuindo as prendinhas pelos presentes, conforme lhes calhava pelo sorteio, com as suas gargalhadas características, cuja origem ainda não esclareci.

Mais algumas conversas e umas horas passadas, com a alma e corpo mais reconfortados, lá fomos desandando, com o firme propósito de voltar a marcar presença nos convívios e passeios que em 2009 se seguirão.

Parabéns para os organizadores.

Victor F. Alves



# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ CEIA DE NATAL



## ■ Rota dos Castelos - “Trancoso”

Mais um passeio de fim de semana, 7 e 8 de Março, desta vez às províncias da Beira Alta e da Beira Baixa, aqui fazendo de quartel general (Trancoso). Apelidamos este passeio de «Rota dos Castelos», pela simples razão de que fomos visitar os castelos de Celorico da Beira, onde almoçamos, castelo Bom, castelo Mendo, Almeida, Pinhel e por fim Trancoso.

Antes de iniciar a descrição do passeio, vou-me debruçar um pouco sobre a história de Trancoso. Um imponente castelo destaca-se harmoniosamente numa linha circular de muralhas que, ainda hoje, delimitam o centro histórico de Trancoso. Este majestoso conjunto fortificado bem como a singularidade do património edificado entre muros, permitem a Trancoso fazer parte do restrito clube das Aldeias Históricas de Portugal. Percorrer as muralhas de Trancoso, permite absorver um tempo denso de história e alcançar horizontes amplos, limpos e surpreendentes.

- Aqui desposou D. Dinis a rainha Santa Isabel de Aragão.
- Berço dos lendários Magriço e Bandarra.
- Palco da Batalha de S. Marcos.
- Importante centro da história Judaica.
- Tradição de feiras e mercados – que Gil Vicente imortalizou no Auto de «Mofina Mendes».
- Quartel-general de Beresford aquando das invasões francesas.

A proximidade do Douro superior, do parque arqueológico do vale do Côa, da fronteira de Vilar Formoso e do parque natural da Serra da Estrela, tornam Trancoso uma centralidade da Beira interior. Num raio aproximado de 60 Km., a partir de Trancoso, podem ser visitadas as Aldeias Históricas de Marialva, Linhares da Beira, Almeida, Castelo Mendo e Belmonte.

Muito mais haveria para dizer sobre todo este envolvente, mas não nos compete a nós alongar sobre este tema, aproveitamos só para dar uma pequena achega à Câmara Municipal de Trancoso, a quem atempadamente, solicitamos informação sobre o que íamos visitar, quem éramos e quantos e, o que íamos visitar. Lamentavelmente recebemos nas vésperas um envelope com meia dúzia de panfletos. É assim que se promove o Turismo. Sem mais comentários.

E, virando-me para o que me levou a escrever estas linhas, o passeio da malta e as suas peripécias.

Como já vem sendo hábito, partimos de Viana do Castelo pelas 7,00 horas, embora com um pequeno atraso, o que também vai sendo habitual, mas desta vez a culpa não nos cabe a nós, mas sim aos 2 autocarros da agência OVNITUR, empresa esta em que sempre nos deslocamos e que nos habituou a um bom serviço, que chegaram em cima da hora da partida, daí o pequeno atraso. O grupo era composto por 89 ex-alunos das escolas Ind. e Com. e da escola Técn..

Postos a caminho, começamos com duas paragens técnicas para recolhemos os nossos colegas Leopoldo e Carlos Machado com as respectivas esposas, em frente ao Nortshopping. O outro autocarro

seguiu viagem para apanharmos a Maria do Rosário, a Anita e o Mário, agregado familiar residente em Vila Nova de Gaia.

O ponto de encontro foi na área de serviço de Ovar, onde muitos dos nossos colegas mataram o bicho e utilizaram os serviços, provocando uma mini inundação naquela área de serviço.

Com uma manhã radiosa, fazendo lembrar o verão, lá seguimos nós a caminho de Celorico da Beira onde íamos visitar o castelo, que por acaso estava fechado para obras e saboreamos o almoço que constava de uma Sopa da Avó, Ensopado de Cordeiro e a respectiva sobremesa. Todo o repasto foi bem regado, terminando com o café da praxe.

Como tinhas visto o castelo fechado ainda de manhã, após o almoço, seguimos para a visita aos castelos, rota previamente delineada e que foi cumprida à risca.

Visitamos os castelos, todos eles em melhor ou pior estado de conservação, mas o que nos chamou mais a atenção, foi sem qualquer sombra de dúvida, o castelo de Almeida, seguindo-se depois as duas torres de Pinhel, destacando-se uma delas, pela sua qualidade de conservação e pela iluminação com projectores estrategicamente colocados, e verificamos tudo isto, porque quando lá chegamos já o sol se tinha recolhido à algum tempo.

Por fim, chegamos ao Hotel Turismo de Trancoso, local onde nos íamos instalar.

Como o tempo já era curto, dado a chegada um pouco tarde para o previsto, só tivemos praticamente tempo de colocarmos as bagagens e descermos para o jantar.

O dito era composto por uma canja de galinha, Bufete de Bacalhau, (foi servido bacalhau confeccionado de várias formas) seguindo-se as sobremesas com várias espécie de doces e fruta.

Tudo isto regado com bom vinho da região e, sumos e águas para aqueles que não gostam do néctar dos deuses. Seguiu-se o café.

De imediato seguiu-se a distribuição do questionário que tinha sido elaborado, baseando-se em algumas perguntas sobre a Associação, sobre a nossa cidade de Viana e, sobretudo, sobre a visita que tínhamos acabado de efectuar aos castelos.

Como praticamente, salvo uma ou duas excepções, todos responderam, deixamos o prémio para ser entregue no dia seguinte, após o almoço. Após a correcção e dado que tínhamos verificado que os nossos colegas tinham voltado às carteiras da escola, os empates eram mais do que muitos. Prova provada que os empates eram resultado do «copianço». Sendo assim, resolvemos, a Direcção, não atribuir o prémio a ninguém, em contrapartida, fizemos um sorteio.

Por casualidade, o prémio saiu a uma nossa colega que nos acompanhou pela primeira vez. E, já que estávamos embalados, realizamos um outro sorteio, este no valor de 50,00 €. Também este foi parar às mãos de outra nossa colega, a quem nunca tinha saído nenhum prémio em qualquer espécie de sorteio. A feliz contemplada foi a colega Maria José Morais, esposa do colega e director, Gentil

Morais. Não foi de propósito mas parecia. Foi a colega Ana Fernandes que extraiu o bilhete sorteado.

A manhã de Domingo foi livre. Quem quis visitou o castelo, também esta qualquer coisa de imponente, bem conservado. As muralhas cercavam o velho urbe, todas elas bem conservadas. Quem quis, aproveitou igualmente para visitar e comprar, e que compras Deus meu, a feira do fumeiro e do queijo, da doçaria e dos vinhos. Pelo que me apercebi, todos, sem excepção, fizeram as suas compras. Uns mais do que outros, nos quais eu me incluo, carregaram muito bem os respectivos autocarros.

Como o domingo era o dia internacional da Mulher, não podia a Direcção deixar passar em claro, como tal, na entrada para a sala onde almoçamos, não permitimos que as senhoras do grupo entrassem. Após uns segundos de espera e com os membros da Direcção presentes, abrimos as portas e no interior da sala, sob um forte aplauso dos homens, foram entregues a cada, uma rosa, que dignificou o dia. Com esta surpresa a emoção foi geral.

O almoço, também realizado no hotel, constava de um cozido à moda de Trancoso. Depois do que o que se comeu, petiscou, na feira, como era possível haver ainda estômagos que suportavam um cozido como o que foi apresentado, mas na verdade é que se comeu à tripa forra.

E já agora, um pequeno comentário como decorreram os serviços que o hotel nos apresentou.

Houve um pouco de confusão, o que já tinha acontecido no jantar anterior, que foi a localização dos termos de aquecimento da alimentação, que em vez de estarem todos seguidos, estavam colocados metade de cada lado da mesa de serviço. Esta disposição causou alguma confusão e demora, pois era muita gente a querer servir-se ao mesmo tempo, que esbarravam de frente quando se deslocavam de um lado para o outro para se servirem de todos os ingredientes da refeição. A conclusão a que chegamos, foi que, se estivesse tudo de um lado, simplificava a fila, pois a mesma dirigia-se num só sentido. Por um dos nossos colegas, o Norberto Palhares, foi chamada a atenção ao Sr. Director.

No entanto este pequeno pormenor teve até a sua piada, já que

enquanto se estava na fila para nos servirmos, conversou-se sobre os mais variados temas, contaram-se anedotas, etc., etc..

E já agora um pequeno comentário sobre o Hotel Turismo, onde ficamos alojados. O Hotel tinha cinco anos, as instalações em geral eram ótimas, os quartos em particular eram excelentes. O atendimento e a disponibilidade do pessoal foi espectacular. O Director sempre presente com uma amabilidade excepcional, estava sempre disponível. As refeições foram ótimas, parabéns a todo o pessoal sem excepções. Gostamos muito.

Após o repasto, com os devidos aconchegos líquidos, fez a sua aparição, em exibição de alto gabarito, o conjunto de cantares, brilhantemente dirigido pelo Mendes, com verdadeiras revelações na consertina (Dantas), nos cavaquinhos a Irene e a Dora, mais o Zé Veiga, nos ferrinhos o Amorim, nas castanholas o Gentil. No coro destaque para a Isabel, a Dorcas, a Rosário, a Carmo, a mulher do Mendes. Se me falta mencionar alguém que me perdoem mas não é por mal, o disco rígido já tem algumas falhas, está gasto.

Também um destaque especial aos fotógrafos de serviço, o Cunha, o Leopoldo, o Carlos Coutinho, o Janeiro e tantos outros que fizeram imensas fotografias, que esperamos nos sejam enviadas para o Concurso de Fotografia que levamos a efeito pela primeira vez, neste passeio.

A viagem até Viana do Castelo decorreu dentro da normalidade. Fizemos uma paragem em Antuã, para dar boleia, havia um lugar vazio, a uma filha do colega Miguel Ribas, dado que a mesma não tinha transporte nem ligação de Aveiro para Viana do Castelo.

Com as paragens habituais, Vila Nova de Gaia e Nortshopping, chegamos finalmente ao local de destino. Quando saímos dos autocarros deparamos com um vento forte e frio, o que não tínhamos verificado no fim de semana que acabávamos de concretizar.

Um muito obrigado a todos os componentes deste grupo, e as nossas desculpas por qualquer coisa que não tenha corrido menos bem.

Até breve. Em Outubro, Évora.

*Crónica de  
Fernando Meira*



# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS

### ■ ROTA DOS CASTELOS



### ■ Entrega de Diplomas

A AAETEC, convidada a participar neste acto solene, (o que desde já agradecemos), saúda calorosamente todos os alunos que com a sua sabedoria, o ensinamento dos professores e o apoio dos seus familiares, completaram o 12º ano de escolaridade na Escola Secundária de Monserrate em Viana do Castelo.

Foi a 17 de Maio de 1980, que um grupo de ex-alunos das (Escola Industrial e Comercial Nun'Álvares, Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo e Escola Secundária de Monserrate), fundou a Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo "AAETEC". Reconhecida a nível Nacional, pois temos contactos permanentes com associações congéneres.

Quem é o ex-aluno desta escola, que daqui por algum tempo não deseja encontrar um colega que com ele estudou?

É o que acontece connosco. Reencontramos colegas de longa data.

Pois realizamos vários eventos com essa finalidade.

Actualmente já existe uma ligação directa entre a Associação e os actuais alunos.

Na participação dos "Jogos Florais" e na "Artemaio" com exposição de pintura no Estação Viana Shopping, integrados nas comemorações do nosso aniversário, (onde alguns de vós foram premiados).

Atribuímos também um prémio monetário ao melhor aluno do 12º ano.

Caros colegas que deixaram de estudar nesta grandiosa Escola Secundária de Monserrate, a partir de agora poderão fazer parte da AAETEC preenchendo a proposta de Sócio. Poderão entregá-la na sede que fica na sala 10 desta escola, ou na secretaria. O horário de funcionamento da sede, é às segundas-feiras das 14,00 às 16,00 horas. A quota anual é de 12,00€. Para vós, haverá isenção da jóia de 5,00€.

Só por estas simples razões, teremos todo o orgulho em receber-vos (a vós e a todos aqueles que estudaram nas Escolas Técnicas em Viana do Castelo) como novos associados, pois assim, a Associação ficará mais enriquecida.

A AAETEC, deseja a todos vós um futuro cheio de sucesso.

Pois, "O Futuro conquista-se, não se aceita passivamente!"

Viana do Castelo, 12 de Setembro de 2008

# MONSERRATE

*A direcção*



# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS



Grupo "MekaMusic"



Marta Oliveira  
e  
Prof.<sup>a</sup>  
Florbela Magalhães



Prof.<sup>a</sup> Florbela Magalhães, Prof. Artur Moranguinho, Prof.<sup>a</sup> Fátima Ferreira



Tiago Maciel  
e  
Prof.<sup>a</sup>  
Fátima Ferreira



Prof.<sup>a</sup> Margarida Costa - 12.<sup>o</sup> A

# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS



Prof. Paulo Dias - 12.º B



Prof.ª Luísa Brito - 12.º C



Prof.ª Fátima Heleno - 12.º D



Prof.ª Gabriela Barbosa - 12.º E



Prof.ª Olívia Pereira - 12.º F



Prof. Carlos Jesus - 12.º H

# INICIATIVAS

## AS NOSSAS INICIATIVAS



Prof.ª Conceição Pereira - 12.º I



Prof. Villares Pires - 12.º J



Prof. Paulo Ferreira - 12.º M



Prof.ª Aurora - 12.º N



Prof. Alexandre - 12.º O



Prof.ª Judit Pinho - 12.º P

### ■ A DÁDIVA DE SANGUE

As necessidades terapêuticas exigem cada vez mais doadores de sangue, a procura de sangue e seus derivados não pára de aumentar para dar ao paciente uma melhor assistência e qualidade de vida. As vítimas de acidentes rodoviários e de acidentes de trabalho, os doentes que aguardam a disponibilidade de sangue para ser operados, precisam de doadores voluntários.

As carências que se sentem no dia a dia nos serviços de sangue, podem ser dramáticas, quando é o doente que espera pelo sangue e não o sangue que espera pelo doente e quando pode estar em risco uma vida.

A dádiva de sangue é um acto livre e voluntário e porque muitas pessoas o necessitam, (quem sabe um dia não será um desconhecido a ajudar-me, ou a algum familiar). Não é um acto heróico, mas pode salvar uma vida!

Dar sangue é muito simples e basta reunir várias condições, para o podermos fazer. Não importa se o nosso tipo de sangue é o mais comum, pois todos são necessários.

Ao fazermos a nossa dádiva de sangue, um médico irá avaliar o nosso estado geral de saúde, depois será recolhida uma pequena amostra do nosso sangue para ser analisada, se for detectada alguma alteração ser-nos-á dado conhecimento e quais as medidas a tomar.

Infelizmente nem todos podemos oferecer o nosso sangue, mas grande parte da população pode fazê-lo, há no entanto pequenos receios e dúvidas que podem ser esclarecidos com o médico.

Para dar sangue é necessário estar em bom estado de saúde, ter hábitos de vida saudáveis, ter mais de 18 anos, e para dar sangue pela primeira vez, ter menos de 60 anos, podendo ser dador até aos 65 anos, também o peso mínimo é de 50kg.

O sangue colhido será aproximadamente 10% do volume total do sangue do nosso organismo e a dádiva pode ser regular (de 3 em 3 meses o sexo masculino e de 4 em 4 meses o sexo feminino), sem que esse facto prejudique a nossa saúde, esta informação está cientificamente comprovada.

Após a dádiva de sangue será fornecida uma pequena refeição e qualquer pessoa, passado pouco tempo, pode regressar à sua actividade normal, evitando contudo alguns esforços físicos, nas horas seguintes à colheita.

Existem vários sítios onde pode ser feita a oferta de sangue, mas toda e qualquer informação pode ser obtida no hospital mais



próximo, onde normalmente existe o serviço de colheita. Os horários são acessíveis, com a possibilidade de dádivas ao sábado durante a manhã.

Dar sangue, é um acto humanitário e é um dever social contribuir para as necessidades de sangue. Realmente nós damos, mas é bom não esquecer o que também nos é oferecido, como por exemplo isenção das taxas moderadoras para consultas e exames no Serviço Nacional de Saúde e o acesso livre a visitas em alguns serviços hospitalares. Mas o maior benefício é emocional: o sangue que damos nos faz falta e pode salvar a vida dos outros.....eu dou sangue!



Dora Veiga





*prevenção de riscos profissionais, lda.*

**Ao serviço  
das empresas  
e trabalhadores**

R. Salvato Feijó, Torre do Liceu, Sala 1 | 4900-415 Viana do Castelo  
Tels. 258 811 911 - 258 820 912 | Tlm. 964 704 354 | Fax 258 820 913  
E-mail: [geral@vigshst.com](mailto:geral@vigshst.com)

## ■ O MILAGRE

### Da Insua (Moledo/Caminha)

*Naquela tarde, o céu não era igual!*

*Frei Lourenço, do alto da penedia, no cocuruto da rocha, perscrutava silencioso o horizonte; escuro lá para os confins dos montes, a luz opaca na luz violácea dos cerros; mais claro, no ondular das searas; carregado, em castelo de nuvens, mesmo por cima da sineta ensalitrada!*

Depois, o cachão das águas. O céu mergulhado nas profundezas das vagas. E o bramir de mil vezes a ecoar na Insua deserta!

Corvos grasnavam revoando baixos as águas turvas da ressaca. Gaivotas voltejavam nervosas, seguindo o curso do rio, altas, a prever grossa maresia.

O frade enxutou o corvo que saltara para a crista da rocha. Mas ele, velho e calculista, aguçou o olhar contra o monge encapuçado e, em pulos mansos, aproximou-se da restinga. Outros ao longe, coziavam-se nos rochedos da barra à sucapa de alguma carne podre que a correnteza trouxesse das terras meirinhas.

Pensativo, Frei Lourenço, sentou-se!

Velhos ódios voltavam a enfurecer-se.

Portugueses e Castelhanos, mais uma vez reclamavam os seus direitos. Ricos e poderosos, almoçadens, alcaides e ricos homens, abraçavam o partido d'El-Rei de Castela. E a cobiça misturada com a intenção maliciosa da nobreza, muito antes da morte de D. Fernando já era bem explícita. Daí que, o corpo do monarca no esquife, já o grito da barregã e adúltera rainha depressa chegava às ameias dos castelos: arraial pela Rainha D. Beatriz de Portugal, a nossa Senhora!...

Frei Lourenço, melenas brancas, e facies cavada pelo ror dos anos, enterrara, já há muito, a fria espada no lajedo do convento. Mas nunca pretejeria o pendão do inimigo. O alcaide de Caminha sabia-o já pelos remeiros da barca da água. Menagem e preito só a seu Rei e Senhor.

Os corvos sabiam também que, mais cedo ou mais tarde, teriam o seu manjar. Enquanto que o ronco do mar enchesse a terra, não mais deixariam o ilhéu e nas tardes borrascosas era ouvi-los afiando o bico, como se o festim estivesse para breve. Os frades gostavam das agoirentas aves e a mor das vezes eram eles próprios que, armados de longas varas, os afugentavam para longe.

- Cães danados, vociferou o frade...

Mas o velho corvo não largara o seu poiso. Continuava ainda ali, espreitando as correntes da vaga, os destroços da praia e os remoinhos, os novelos da espuma que roçavam os recifes. Depois, levemente, ergueu as largas asas e sem um grasnido, rente às vagas, pareceu afastar-se. O frade sentiu-se mais aliviado e erguera já as mãos aos céus – a visão do bicho irritara-o – quando o viu aproximar nos ares, e em espiral frenética, cair de bojo no covão das ondas.

Correu para o alto da falésia. O corvo lá estava, mal se sustentando

na água negras e movediças. Subia para logo descer mais impaciente, mais endemoinhado, até cair de chofre no corpo esbranquiçado que o arquear da vaga mostrara. Frei Lourenço ficara estarecido. A carniceira ave não largava a presa. Descontrolada pela sofreguidão – não tardaria que chegassem os outros – os bico cortante a fender as carnes, era o senhor do seu espólio. De nada valiam os impropérios dos frades, antes cobiçavam a sua gula. Depois, numa requebra de mar, o corpo desapareceu.



O Mestre de Aviz parecia vencer a crise.

A “arraia miúda” começara a sentir-se na evolução do caso e a manifestar o seu mal estar contra a aleivosia da nobreza. Viana, Castelo de Neiva, Caminha e outras praças do norte, esquecendo o seu Rei e Senhor e temendo represálias de Castela, apressaram-se nos longos meses de disputas, a arvorar bandeiras por D. Beatriz. Mas a poupança que já se abitara a ver respeitadas as suas vontades, não via de bom grado que seus alcaides estivessem ligados por juramento ou por cobiça a um rei estrangeiro. Daí as frequentes escaramuças e razoasdas entre forças da ordem e a turbamulta; a guarda e os mesteiros; as ascumas da plebe e as lanças castelhanas! E até no vau do rio, aquando da chegada das chiolas e trincados ou das barcas que da Lapela e Cerveira traziam seus produtos, por vezes a populaça, farta de pressões e injustiças, queimava na porta baixa a falsa alforria castelhana. Depois eram os motins, a bulha ou a assuada, o pelourinho ou a partida forçada para Castela. Mas até o rio, as naus castelhanas não venciam a sua. Por vezes, no negrume da noite, nas águas do Minho, engrossadas pela força das marés, força estranha desprendia as amarras e as pesadas âncoras e deixavam partir, rio abaixo, caravelas e galeotes que carregados de mercância, iam fazer o alarido dos marinheiros pela noite fora e permitir à plebe fazer justiça. E o Mestre de Aviz ecoava nos becos e calçadas, nas ruelas e nas terecenas d'El-Rei; nas portas da muralha e nas alcovas do paço; nos coutos e nas terras dos fidalgos. <passava de boca em boca; nas vielas e nas tabernas; no cais da ribeira e nas portas das igrejas; nos homens d'armas e nos pescadores! E os barcos, percorrendo o litoral, levavam até ao Lima e ao Neiva novas de que o Mestre de Aviz era o único Rei de Portugal.

Frei Lourenço puxara o cordel da sineta. Momentos antes, arrancara ao mar aquele corpo inerte. Era nobre. A calça de seda golpeada, o cinto de pele de gamo lavrado de prata, a marca do capeirote, fizeram-

no chamar a atenção dos outros frades.

- Que seria?

Que ânimos revoltosos da marinhagem fizessem estragos em algum petintal ou almocadem que mais farofeiro os acometesse na taberna do Meiro, era vulgar. Mas um cavaleiro jovem, sem marcas de combate, sem ferimentos de monta, fizeram calar a algarviada miúda que os religiosos surpresos estavam a relengar. Um grosso burel tapou do olhar indiscreto dos frades mais curiosos, do olhar cativo das aves marinhas, o corpo mole do afogado. Depois, entoada a salmodia do " invitatótio ", os monges transportaram para a capela o desconhecido. Porém, ainda não eram matinas já quatro vultos se esgueiravam de uma barca que esconderam nas reentrâncias da penedia. O frade sabia que alguém viria mas nunca com aquele inferno de mar, pois o toque da sineta devia ouvir-se até à choupana dos pescadores, talvez até à Porta baixa ou aos estaleiros do rio. Desconfiado, sacou da velha espada que nunca esquecerá e ao sentir o frio do aço junto à coxa esquerda, escondida na longa capa que a ordem exigia, o ânimo das batalhas recobriu o penitenciar do eremita.

Frei Lourenço surpreendera-os na crista do rochedo que era o seu poiso habitual. Desembainhando a espada que tantos anos acarinhara, com a voz dura de mil refregas perguntou afastando-os;

- Quem sois e donde vindes?

- Dar sepultura a este irmão nosso, respondeu o mais velho de todos!

- Como sabeis, perguntou o frade circunspecto! ...

- Procurámo-lo há seis dias, padre!

Frei Lourenço baixou a espada e indicou-lhes a capela do pequeno convento.

O frade estranhara o grupo. O mais velho, cabelos brancos caídos sobre o ombro, o burel cingido dum cinto de esparto e os rictus duma longa e pesada peregrinação por esta terra, caminhava triste. Parecia um velho fidalgo a quem os anos de luta haviam consumido e grande desgosto quebrara a alma. O mais novo não enganava ninguém: era seu filho. Alto, ainda a barba não lhe punha as faces, trazia o capeirote puxado para trás, o punhal a desenhar-se no cinto, o trial arrepanhado no arquear do peito. A espada, essa atirara-a aos pés do frade. Era orgulhoso o moço cavaleiro, pensou Frei Lourenço. Depois, vendo o grupo distanciar-se na praia em direcção ao eremitério, embainhou a velha espada.

- Quem seriam? Gente nobre, fidalgos, homens d'armas de Castela!

Não! Aqueles dois chapeirões de ingres, os sapatos de pele de gamo e os saiotes dos que puxaram a barca para a praia, traziam a notícia de serem dos de cá.

- Nunca fiando, resmungou a frade, que já não via com tanta caridade a estranha visita.

À porta da capela, esperavam-nos os outros religiosos. Curvaram-se à passagem do grupo, não fosse gente do alcaide de Caminha.

Mo lajedo ensobrado pelo pórtico, embrulhado em pano tosco,

estava o corpo. Ao fundo, no altar, dois círios alumiam as paredes nuas de uma e outra cruz atirada ao acaso, tornavam a visão ainda mais dolorosa. O capuz dos frades, o semblante rígido do venerável ansião, o olhar escrutador do cavaleiro, trouxeram à realidade o torpor dos pensamentos do velho fidalgo. Eram inóspitas aquelas paragens; aquelas lajes sobrepostas que o nome de alguns frades lembravam; aquela talha simples qual recorte de rochedo que a água do mar e as rajadas do vento em longas noites de inverno haviam de burilar. Mas era o templo de Deus; o silêncio das almas, o mistério do mar. Frei Lourenço vergara-se sobre o corpo do jovem. O bater das vagas esquecerá-se no arfar dos corações e o ciclo das ladainhas, no mecher dos lábios. O frade destapara o corpo e afastando-se para o centro do altar, a face dura e vincada, perguntou sumindo;

- Conhecei-lo!...

Um silêncio de morte escudou as palavras do superior!

- Mataram-no, soluçou o moço cavaleiro...

- Mataram-no, pai, e apontou o buraco roxo do virote!...

O fidalgo estava alquebrado. A morte do filho em circunstâncias ainda obscuras, a longa viagem atrás desta esperança que tão más novas tinham confirmado, o alojamento pobre das celas térreas do convento, tornaram a sua saúde já precária ainda mais débil e difícil de solucionar. Mas passados os piores dias, calada a dor da morte do filho, amparado no calor da amizade dos frades e do filho mais novo, sempre a mão desvelada de Frei Lourenço, não deixou de incutir ânimo e coragem ao Senhor da casa de Morufe. Afinal, não sido a ele quem devendo preito e menagem a D. Beatriz, não libertara seus filhos de tal juramento? Não lhes tinha transmitido a mesma força e coragem das armas do seu castelo? Não era Lapela a torre vigilante do reino que à força de goilpes de audácia e patriotismo havia de perdurar para sempre? Não tinha ele, frade, despido das glórias do mundo, já enterrado seus filhos que a sorte de armas negara nas lutas com Castelo? Ah, como esta espada trocava bem o lugar deste eremitério para dar morte aos vis traidores que renegavam o sangue dos valentes!

- Ouvi alcaide!

Aqui nesta restinga outrora covil de piratas, hoje triste refrigério dos nossos pecados, remeiros contavam-me façanhas do cavaleiro da Lapela. Era bravo o infante vosso filho. Aprendera a ser homem íntegro na defesa do seu Rei. Mas sabedor pelos barqueiros do rio das lutas intestinas, dos boatos facciosos que corriam no paço d'El-Rei e nas tabernas do rocio de S. Domingos; da fidelidade que a nobreza jurara a D. Beatriz em Badajoz aquando do seu casamento com D. João I de Castela, o Fidalgo, assim o chamavam nas terras de Valadares e de Melgaço, sabia que grande parte da nobreza, levada por cobiça de novas honrarias que não do juramento, ou pelo temor de perder seus coutos, haviam de lutar pelo rei castelhano. Pouco lhe importava que o alcaide de Caminha terçasse armas por D. Beatriz; que Viana e outras terras olvidassem os seus antanhos! Sabia-o.

Mas sabia também que seu pai, embora ligado por um juramento em boa hora prestado, noutras circunstâncias, não iria vender a honra das pedras do seu castelo, as armas do seu Rei! Não! Nas terras de Morufe, de Valadares, de Castro Laboreiro e Melgaço só havia um nome a anunciar – o Mestre de Aviz; uma força – a arraia-miúda; um pendão a desfraldar aos vento – a independência!

Com ele, com o apoio dos seus maiores, havia de lutar contra o invasor, contra a perda da nacionalidade mesmo que a sua cabeça fosse um prêmio para o algoz. E partiu! ... Seu irmão mais novo queria segui-lo, diziam, mas ele opôs-se. Era demasiado o risco, mesmo porque o Mestre de Aviz e Nuno Álvares tinham já partido para o norte. Viram-no mais tarde em Caminha, no Cais da Ribeira, confirmaram alguns barqueiros que foram até Lapela. Houve luta rija com os troços de Castela, com os homens do alcaide. Tropel de cavalgaduras na noite escura! E o nome do Fidalgo aliava-se aos mesteirais, aos velhos marinheiros, aos donzéis. O grito de Alcácer, Alcácer, por Mestre de Aviz, Rei de Portugal, espalhava-se nas terras de Caminha! Depois, más novas surgiram. Mas o Senhor da Lapela não acreditou na morte do filho. Na traição do alcaide.

Frei Lourenço calara-se. O ancião sabia que tudo aquilo era verdade e que o seu filho ficaria para sempre ali resguardado do ódio dos homens, na benção de Deus.

O barco afastava-se já. Do outro lado um terço de cavaleiros aguardavam a chegada do alcaide. E, em breve, um rumor surdo de galopada, perdia-se em direcção ao sul.

O tempo amainava. As últimas névoas tinham desaparecido do horizonte. As gaivotas, voltando. E o azul pinho dos montes, o tom dourado das searas o leve marulhar das ondas; o fumo subindo, calmo, das choupanas pobres dos pescadores e a mancha do areal reverberando ao sol, depressa fizeram esquecer os dias de tempestade.

A água estava no fim. Frei Lourenço sabia que isso era quase uma sentença de morte lançada sobre eles. Mas o alcaide tinha-se comprometido semana após semana a abastecer o monastério. Por isso não gostava de disputas. Refugiava-se antes nos mistérios de Deus. Mas isso não implicava que fosse independente. E fora-o ao receber o Alcaide de Lapela. Ao sepultar seu filho Vasco. Mas sabia quão vingativo, cobiçoso e desleal era o senhor das terras de Caminha!

Velas brancas, cortavam agora, a barra. Saíam as primeiras pinaças para o mar e as velas pandas eram a certeza de que, em caso grave, pescadores amigos lhe levariam a água necessária, mesmo que a vingança do alcaide se confirmasse. Mas as velas desapareceram ao longe! Parecia que o ilhéu estava condenado! E a água do mar primeiro absorvida a medo pelos frades depois mais a miúdo, começava a provocar os efeitos.

Durante a invernia sucedia por vezes que, a conselho dos pescadores, os frades deixavam a insua pois, a fúria do mar e a



correnteza do rio, tornavam impossível o abastecimento normal.

- Se não fosse a água, pensava Frei Lourenço, muitas vezes!

Um dia, mesmo à noitinha, aceso o facho que do alto convento, em noites calmas, iluminava o ilhéu, pesada barçaça aportava no extremo norte.

Uma revoada de « Deo gratias » agitou a disciplina do monastério.

- Ai vem a água, gritaram os frades ...

Mas os remeiros ficaram na barca. Não se viam as aduelas negras das pipas bojudas, nem o cantarolar dos moços. É um oficial da guarda, mal encarado, perguntava por Frei Lourenço.

- Eu mesmo, gritou o frade, desapertando a espada do cinto do brial!

- Como Vós?

- Sim, guarda! Capitão e alferes d'El-Rei D. Afonso na batalha do Salado, frade para Glória de Deus! Que vos traz aqui?

- Entregar-vos isto da parte do Alcaide de Caminha, respondeu o guarda!

Frei Lourenço não cria acreditar na missiva enviada. Encaminhou-se rápido para o convento. Os frades seguiram-no. Entrou na capela. Mais tarde, mandou-os chamar para a sala do refeitório, contígua às celas e à cozinha.

- Irmãos meus! Ainda não acabaram as nossas provações. Do Alcaide de Caminha recebi uma missiva em que por motivo de receio de ataques de piratas ou de lutas graves por alguém que nas suas terras ainda não infleirou na prometida e nobre vassalagem a D. Beatriz via-se na necessidade de exigir para boa segurança da vila a saída dos frades daquele ilhéu. Uma força das armas ocuparia as instalações para salvaguarda da barra e defesa das muralhas.

Havia lágrimas na cara dos frades todos eles homens rudes, alguns já idosos, mas viris e homens de armas. O Senhor chamara-os depois da sua vida de soldados. A vida de penitência redimira-os. E amavam com fervor as paredes nuas do eremitério, as rochas, as noites de invernia, o açoitar do vento, o grasnido dos corvos. Tudo ali era simples, bom, humano. Ali, havia Deus.

- Não, não sairemos daqui. Antes morrer!

Sairam em tropel. Frei Lourenço caminhava à frente, resoluto.

Depois chamando o oficial disse-lhe.

- Ouvi! E da minha parte e dos religiosos deste convento, dissei o seguinte ao Vosso Alcaide: Que o Mestre de Aviz é Rei de Portugal! Que o fidalgo da Lapela está sepultado nas lages frias do convento por sua vontade! Que todos nós com água ou sem água, não sairemos daqui!

O barco afastou-se! A cobardia do Alcaide era manifesta, a sua vingança terrível. Só um milagre poderia salvar a vida dos frades.

No cocuruto da rocha, o pensamento erguido para Deus, Santo e Trino, o frade ajoelhou-se implorando as graças do Céu. E beijando a rocha nua e áspera, seus lábios, contritos, só puderam articular: Amen!

O Alcaide, furioso pela resposta do frade resolvera castigar os rebeldes.

Mandou tropas circular as praias. Galeotes fiscalizar a entrada ou a saída de qualquer barco. Haviam de ficar todos loucos, mortos, todos mortos, dizia!

Mas logo o cavaleiro de Lapela ao saber o acontecimento, partia ao encontro das hostes de D. Nuno que partira ao encontro das hostes de D. Nuno que partira já para o Norte a reconquistar as fortalezas dos que acamavam D. Beatriz.

Inteirado do assunto, o Condestabre imediatamente permitiu

que um grosso corpo de gente de pé e de cavalo partisse para descercar o convento.

E conta a velha lenda que, desbaratada a força castelhana o Alcaide, logo o jovem fidalgo partiu com barcas de água para o ilhéu!

Frei Lourenço correu a abraçá-lo e logo o encaminhou para o sopé da rocha onde passara tantas horas a escutar a vontade do Senhor.

Um fio de água corria agora, fresco e reluzente, mesmo junto à praia.

O frade vergou-se beijando a rocha escura! E todos, em coro, repetiram:

**BENDITO SEJA DEUS.**

*Autor*

Dr. Francisco Sampaio

Publicado no programa das festas em Honra de St<sup>a</sup>. Rita de Cássia na Vila de Caminha, algures nos anos 60 (sessenta).

*Transcrita por*

Fernando Meira - Sócio n.º 94

## INSUA Castelo e Convento

*A insua é conhecida desde os primeiros geógrafos da antiguidade, como Strabão e Avienius.*

*Ao que parece foram os Romanos os primeiros a valorizá-la, construindo nela um templo ao Deus Saturno.*

*O templo segundo o ritual da época estava combinado com outros altares pagãos dos Catros da Serra de Arga.*

*Dava assim alinhamento aos templos, hoje cristãos da Senhora da Serra (Senhora das Neves) e São de Arga.*

*No centro ergueu-se em 1392 um Conventinho no mesmo local onde existia uma Ermida denominada de Santa Maria de Carmes, provavelmente erguida no sítio ocupado pelo antigo templo pagão.*

*O Convento foi por várias vezes ampliado nos séculos XV e XVI.*

*O Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires passou por lá e lhe chamou: Um retrato do Céu na Terra.*

*A sua fundação, coeva dos Conventos de Santa Maria de Mosteiro (Valença) e São Paio do Monte (Cerveira), é atribuída a Frei Diogo Airas.*

*Em 1388, D. João I, mandou a Fortaleza que D. Manuel mandou ampliar quando da sua visita em 15.11.1512. Todavia o Castelo, no seu estado actual, começou a ser edificado em Abril de 1649, com a forma de estrela hexagonal, ficando concluído em 1651. Era Governador de Armas "D. Diogo de Lima", 9º. Visconde de Vila Nova da Cerveira.*

*Sofreu reparações em 1694, 1749 e 1783.*

*O Forte da Insua, no mouchão do mesmo nome, na foz do rio Minho, cuja barra divide, é Monumento Nacional.*

*Entre outras coisas notáveis, assinala-se uma fonte de água doce.*

*A Insua ligou com a praia em 1575; 1582; 1629; 14.09.1708, Outubro de 1895 e no verão de 1947, chegando um Jeep até junto das muralhas.*

## ■ Monumento de Homenagem a António Cunha

Foi recentemente erigido no espaço-terreiro da “Quinta do Santinho” um monumento em homenagem a António Cunha, inesquecível fundador deste bem conhecido empreendimento de animação turística, e de muitos outros, agora continuado pelos seus sucessores que se orgulham de tal legado e cuja existência carimba já mais de três décadas.

Com efeito, pelas mãos do artista plástico vianense Salvador Vieira, autor também de vários painéis pintados, ali existentes naquela unidade turística e sempre acompanhado pelo cunho dinâmico do descendente filho do fundador - Valdemar Cunha - foi então edificado para perpetuar, a uma altura de 3-4 metros, um “retrato fiel” realizado em chapa de 40 mm de espessura, amarrado a uma lápide de granito com sensivelmente 2.50m x 1,70m x 0,20m, emoldurado por uma queda de água permanente, em cortina, que passa entre a imagem e o suporte – a pedra granítica.

Ao todo, um peso que ultrapassa as três toneladas. Uma realização com características modernas, com iluminação

adequada e colocado num espaço envolvente e devidamente ajardinado para o efeito. Uma simbiose perfeita de conjugação de materiais muito agradável a presenciar.

De salientar que a figura daquele distinto empresário da nossa urbe, foi muito bem conseguida nos seus contornos por Salvador Vieira, ao ponto de se visualizar a sua imagem com bastante fidelidade de vários ângulos daquele espaço turístico.

Também, do lado direito da entrada principal, do mesmo recinto, foi colocado um busto em memória do homenageado, da autoria do mesmo artista.

*Leandro Matos - Sócio n.º 109*





# FLÔR DE SAL

*HOTEL • VIANA DO CASTELO*

*Av. de Cabo Verde, 100 | Praia Norte | 4900-350 VIANA DO CASTELO  
Tel. +351 258 800 100 | Fax +351 800 101 | email: reservas@hotelflordesal.com*

## ■ IDOSOS, A NÃO ESQUECER

Em artigo que me publicaram no jornal “Aurora do Lima” sob o título: **Natal, só para alguns!**... Pretendia-se fazer uma comparação entre o consumismo exacerbado da época e o acantonamento de alguns dos idosos dispersos pelos lares da nossa cidade e arredores.

Com efeito, as instituições que os acolhem, não só por cá como um pouco por todo o lado, para além de terem residentes com muitas dificuldades de locomoção, de saúde muito precária e até muitos desmemoriados, alguns deles com idade bastante avançada, também os há ainda, apesar de tudo, com muita lucidez de espírito e de memória invejáveis.

A atestá-lo, está por exemplo o senhor Porfírio Miranda, natural de Barroelas, a D. Alzira Rodrigues e outros mais, residentes na Congregação de Nossa Senhora da Caridade.

O primeiro, com os seus quase noventa e dois anos (fez a 3 de Março), ainda escreve sonetos, contos, histórias de toda a ordem, poemas com métrica e rima acertadas, de encantar, que este jornal chegou a publicar em tempo. Veja-se por exemplo, este que vem publicado no jornal “Luz do Poente”, editado trimestralmente por aquela instituição e inserido no seu número 10 de Dezembro passado, que ele intitulou:

### A RECOMPENSA

Morreu a velha senhora.  
- Fazia agora noventa !

Sentada ao canto da sala  
Uma velhinha chora.

- É a velhinha criada  
Que durante mais de oitenta  
(Sem um sonho, uma esperança)  
Foi de parceria em criança  
A serviçal da senhora.

Sobre o castão da bengala  
Que pertenceu à defunta  
As mãos sequinhas ajunta  
Ao jeito de acarinhá-la.

No recanto de uma porta  
Em mal oculta festança  
Há sete herdeiros da morta  
A quem apenas importa  
A divisão da herança.

De súbito  
Um dos presentes  
Como quem pede sentença  
Faz ao grupo esta pergunta:

- E aquela... ali ao canto  
Que tanto amou a defunta,  
Que leva de recompensa?  
- Aquela... respondeu outro  
Rompendo a calma da sala  
... Aquela, por compaixão  
Desta ilustre gente grata  
Que sabe honrar o decoro...  
Proponho que leve a bengala!

- Mas não o castão de prata!!!  
Atalham todos em coro.

(Porfírio Miranda – residente)

Achei-o oportuno, porque me fez lembrar o que aconteceu a uma familiar minha, que toda a vida serviu determinada família feudal, fazendo de costureira e muitas coisas mais, e da qual obtive promessas de que, ocorrido o passamento da dona, seria recompensada com uma quota parte dos bens – uma casa.

A família reunida, decidiu atribuir-lhe uma pulseira e um alfinete!... Nada mais do que isso, para quem foi uma serva durante quase sessenta anos. Os filhos não o entenderam assim.

É o que vai acontecendo a alguns dos idosos de quem falo e que residem nestes lares.

A D. Alzira Rodrigues, senhora de bom trato, afável e muito lúcida também, quis presentear o senhor Porfírio Miranda com uns versos que lhe dedicou, e que ela intitulou:

## “FALANDO SOBRE UM ASSUNTO SÉRIO”

Há aqui no nosso Lar,  
Um Poeta exemplar,  
Que tem uma bengala dengosa  
Que dá muito que falar!

Ela incomoda as Damas  
Que o seu chá vão tomar.  
Ela toda se requebra!  
É um espanto, só de olhar!

Disse-me o dito Senhor,  
E tenho que acreditar,  
Que a bengala caprichosa  
Na passadeira o quis encravar.

O que valeu foi o vigor  
Que quem a trazia usou,  
Já que a dita bengala  
Com manha o atraíçou.

Toda esta brincadeira se resume  
Numa coisa singular  
Com uma simples bengala  
Ainda se consegue brincar...

(Alzira Rodrigues – residente)

Ainda há dias li um artigo publicado na revista “Tempo Livre” da autoria do conhecido jornalista e escritor Fernando Dacosta, com o título: “Música de Cangalheiros” em que extraí este depoimento: “A matança dos velhos é hoje corriqueira. Tornámo-nos, aliás, de uma avareza afectiva terrível para com eles. Estamos a desenvolver comportamentos fóbicos aos seus contactos físicos, a perder o seu calor, os seus sentimentos, as suas sabedorias, as suas reminiscências”.

É óbvio que nestes lares há (ainda) quem tenha a consciência de ter trabalhado uma vida em prol dos seus e até da comunidade. Memória não lhes falta. Agora, vêem-se de certo modo, afastados de tudo e de todos, à espera do derradeiro dia, alguns sem visitas, convivendo apenas e só com os que os rodeiam dentro das instituições – os dirigentes – voluntários, as enfermeiras, as empregadas -- que às horas das refeições lhes põem a comida na boca. Estas pessoas são, (agora) na maior parte dos casos, a “verdadeira” família de muitos deles.

Nós sabemos – e eu que vou andando por ali – que há famílias que não têm pejo em se livrar dos seus “fardos” para beneficiarem dos seus pecúlios. Alguns dos idosos também têm consciência disso.

Há famílias que, quando sabem subitamente que determinado testamento os ignora, logo se apressam a adoçá-los e apaparicá-los, com jantares e tudo o que de possível se possa supor fazer, para os “atordoar”, com o intuito de conseguir os seus intentos, os seus propósitos. Todos sabemos quais são.

Quantos acabam com a casa vendida, as contas em banco saldadas, para depois se encontrarem sós com a instituição que os acolhe. Só aqui é que são cuidados até o dia do seu desaparecimento. A pontos de serem os próprios dirigentes a chamarem a funerária, a velá-los e a enterrá-los.

É desolador vê-los abandonados em bancos de jardins, em hospícios sem costumes, ou em qualquer lugar mais recôndito, sobretudo por parte de familiares!

Por outro lado, é de registar as iniciativas de carácter cultural e recreativo que a Câmara Municipal de Viana do Castelo vem implementando para os idosos do nosso concelho. Finalmente, uma medida importante que já se fazia sentir e que outros municípios adoptaram há já algum tempo. Esta Gente, não tem porque ficar esquecida. Se já não são úteis, já o foram e, todos caminhamos no mesmo sentido.

Leandro Matos - Sócio n.º 109

## ■ O “PINTOR DE VIANA”

Realizando-se neste ano de 2009, o 29º Encontro da Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo, não quis perder a oportunidade de aproveitar a revista que se publica anualmente para assinalar a efeméride e o evento cultural e social que lhe está inerente, para saldar uma dívida que sentia ainda estar em aberto para com Carolino Ramos. Na realidade, esta notável figura vianense, que para mim teve a particularidade de ter sido um bom e leal amigo de meu pai, referenciou-se como artista plástico que de uma forma profunda e vasta, soube captar e traduzir a alma e o sentir da comunidade vianense durante mais de 30 anos, principalmente no período de 1930 a 1960 e, ainda, por durante 15 anos se ter distinguido como pedagogo ao leccionar Desenho e Modelação na Escola Técnica, unidade de ensino que neste Encontro com muito carinho evocamos como uma Escola marcante da cidade para todos nós.

Filho de José Nicolau Ramos e de Maria da Conceição Simões, casal que teve 9 filhos, Carolino José Nicolau Ramos, que ficaria conhecido apenas por Carolino Ramos, nasceu na litoral freguesia de Areosa em 19 de Julho de 1897.

Ajudado por um padrinho amigo e generoso, foi aluno brilhante da Escola Técnica, onde cursou Desenho Industrial e Arquitectónico, o que lhe permitiu, mais tarde, vir a ser professor na mesma Escola Técnica, primeiramente designada Escola Industrial e Comercial Nun’Álvares de Viana do Castelo e, depois, Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo, leccionando as disciplinas de Desenho e Modelação.

Exemplo de primorosas virtudes cívicas, Carolino Ramos foi casado com Gracinda Rodrigues de quem teve 5 filhos, e viveu muitos anos na Rua Frei Bartolomeu dos Mártires

em Viana do Castelo, sendo de destacar que todos os seus filhos lhe herdaram a habilidade inata e o pendor artístico: Juvenal; Maria José; Olga; Francisco; e o meu particular amigo José Ramos, embora só o Juvenal Ramos

viesses a dedicar-se inteiramente à carreira artística, tendo como pintor já assinado, e felizmente, continua a assinar, muitos trabalhos que honram a memória de seu pai.

Dotado de invulgar sensibilidade e de hábeis mãos para as artes plásticas, a actividade de Carolino Ramos por todo o concelho de Viana do Castelo, desdobrou-se pelo ensino, como Professor da Escola Técnica, como Artista Plástico, com a sua diversificada expressão artística, e pelo quotidiano exercício profissional de conceituado Construtor Civil e íntegro Mestre de Obras durante cerca de 40 anos.

De salientar que Carolino Ramos tinha um grande amor por Viana, verde e linda terra natal onde sempre viveu, e como tal, só pintou Viana do Castelo nos seus mais diversos aspectos, fixando as belezas naturais, o património artístico, os rostos e a indumentária das gentes desta formosa terra do Alto Minho, através de desenhos a lápis, crayon e carvão, de aquarelas suaves e transparentes, de desenhos à ponta de tinta, de óleos de tons doces, de caricaturas, de painéis e pinturas murais, de cartazes para diversos fins, principalmente para a Romaria da Senhora D’Agonia e das próprias ornamentações de praças e ruas para esta multissecular Romaria que são também as Festas da Cidade de Viana do Castelo.

Também desenhou e pintou bastantes cenários para



revistas e peças teatrais e de grupos regionais de Viana do Castelo. Mas há que referir que como colaborador artístico das romarias estendeu a sua arte para além de Viana do Castelo, a Ponte de Lima e aos Arcos de Valdevez e chegou até Viseu.

Parte da sua obra artística foi mostrada em Viana do Castelo em oito exposições onde figuraram óleos, guaches, aguarelas, desenhos a lápis, crayon e carvão. Participou, também, em 1957 e 1958, no Salão de Inverno da Sociedade Nacional de Belas Artes, de Lisboa. Mas, por ocasião do XII Encontro dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo, em 1997, procedeu-se à inauguração de duas exposições de trabalhos de Carolino Ramos, gentilmente cedidos pelos seus proprietários, uma nos Antigos Paços do Concelho e outra no então Museu Municipal, actual Museu de Arte e Arqueologia de Viana do Castelo, da qual se fez um sugestivo catálogo da autoria de Alberto A. Abreu.

Para além da sua faceta artística, Carolino Ramos, numa outra vertente também se distinguiu - a de desportista na modalidade de Tiro. Na verdade, foi atirador exímio, conquistando cinco vezes o Campeonato Nacional de Tiro com arma de guerra, com alvo a 300 metros.

Com apenas 63 anos de idade, faleceu a 8 de Abril de 1961, ficando a dormir o sono eterno à beira-mar, no cemitério da sua airosa freguesia de Areosa, tendo na altura os jornais regionais da época anunciado o seu passamento como sendo o prestante e virtuoso “Pintor de Viana”.

Além dos vários trabalhos artísticos que ainda se podem hoje admirar em vários pontos e casas comerciais da cidade e templos do concelho, as suas obras de Pintura e Desenho estão representadas em inúmeras colecções públicas e particulares, sendo de salientar o

Museu de Arte e Arqueologia de Viana do Castelo e a Câmara Municipal que mantém patente 18 trabalhos da sua autoria.

Num justo gesto de gratidão pelo muito carinho com que se devotou a salientar o património cultural vianense e pelo muito que trabalhou na sua divulgação, prestando dessa forma notáveis serviços a Viana do Castelo, o seu nome está perpetuamente consagrado na toponímia da cidade, desde 16 de Julho de 1985, com a Rua Carolino Ramos, rua situada na Urbanização de Monserrate, com início na Rua Cidade de Riom e sem saída viária.

Além disso, por ocasião do primeiro centenário do seu nascimento, nas comemorações da elevação de Viana a Cidade, a 20 de Janeiro de 1997, por se ter referenciado como Pintor e artista multifacetado que, durante longos anos, dinamizou a cultura concelhia, colaborando activamente nos mais diversos eventos artísticos e de animação cultural, a Câmara Municipal de Viana do Castelo atribuiu a Carolino Ramos o Título Honorífico de “Cidadão de Mérito”.

Finalmente, a Escola Secundária de Monserrate também lhe prestou tributo, em 27 de Novembro de 1997, ao inaugurar solenemente o auditório daquela unidade de ensino, atribuindo-lhe o seu nome, que ficou devidamente afixado numa placa – Auditório Carolino Ramos.

Por tudo isto, e porque, de facto, a actividade de Carolino Ramos foi marcada por capacidades extraordinárias e a sua obra apresenta um distinto potencial artístico, é com grato prazer que o homenageamos com estas breves linhas, que são de todo em todo justíssimas, e que apenas só pretendem o público reconhecimento dos seus méritos e serviços prestados à comunidade vianense.

*António de Carvalho*

## ■ Ora viva, Mestre Alcino

Convidado pelo Sérgio Marinho para dar o meu contributo escrito para o número da nossa revista deste ano, ocorreu-me, de imediato, aproveitar a oportunidade para saudar um amigo e professor de referência da nossa Escola. Ele é Mestre na arte de pintar, com créditos reconhecidos à escala nacional, e foi Mestre como pedagogo enquanto nos deu aulas na disciplina de desenho.

Na pintura já lhe conhecemos o percurso. Já sabemos que se diplomou na ESBAP e que foi bolseiro da Fundação Gulbenkian em Madrid, nos anos de 1963 e 1964. Também não desconhecemos que, enquadrado no grupo “Os Independentes”, ao lado, entre outros, de Júlio Pomar, Neves de Sousa, Fernando Lanhas e Júlio Resende, expôs pela primeira vez em 1943. É ainda do nosso saber que Mestre Aníbal fez crítica de arte, também com Júlio Pomar, em diversos jornais, com destaque para o Jornal de Notícias, na secção de “Artes e Letras”. E sobre exposições, quer individuais, quer colectivas, estamos convictos de que são muitas, mas em número certo, provavelmente, nem o Mestre dirá quantas são, sem que das mesmas faça uma boa contabilidade.

Também não é difícil de adivinhar que, especialmente, qualquer vianense gostaria de conviver em casa com a sua arte, facto pouco acessível à maioria das bolsas. Felizmente, alguns dos meus amigos com quem regularmente privo dispõem de quadros do mestre Alcino. Em minha casa, limitadamente, dados os poucos recursos para investir em arte, também este se faz representar. Daí que, com regularidade, no espaço de uns ou de outros se entre em observações e comentários sobre as suas pinturas e os seus desenhos aguarelados, com destaque para os quadros da sua fase mais marcante, que é a da vivência alentejana. Há dias, o meu amigo José Escaleira contava que, há tempos, assistiu no Instituto Politécnico à oferta de uma pintura do Mestre ao Dr. Mário Soares, numa visita que o mesmo fez a Viana do Castelo, ainda como Presidente da República, observando que o homenageado tinha ficado profundamente agradado com a oferta, tendo exclamado, remirando a tela: “Ah, uma pintura do Mestre Alcino”. Sendo o Dr. Mário Soares um entusiasta e grande colecionador de arte, esta sua afirmação é o melhor elogio que o Mestre podia ter ouvido.

E no campo artístico, tudo o que de mais se possa dizer pouco acrescenta aos seus largos créditos como pintor.

Abordando a sua passagem pelo ensino, dado que fui seu aluno, penso que mostrou valor idêntico ao da arte de manejar os pincéis.

Sabendo aliar a sua valia artística ao conhecimento abundante das matérias a ministrar, fácil se lhe tornou a tarefa de proporcionar aos discípulos os saberes fundamentais na matéria ministrada. E se a isso juntarmos a maneira afável e funcional com que sabia lidar com aqueles a quem ensinava, bem podemos considerar, então, que Mestre Alcino foi, igualmente, um docente dos melhores.

Para além de professor, o Mestre Alcino desempenhou também no nosso estabelecimento de ensino o alto cargo de Director, no período de 69/74, sucedendo no cargo ao carismático Joaquim Santos Costa.

Experiência não lhe faltava, já que, até à data de início de exercício, teve responsabilidades de gestão do período escolar que antecedia os anos da formação profissional. E, na prática desta função, recordamo-nos bem da sua aversão à atribuição de penalidades gravosas aos alunos da sua Escola e a sua tendência para disciplinar comportamentos menos conformes, bem próprios da juventude, com pequenos cachacos, que hoje entendemos como alternativa simpática e moralizadora a suspensões de aulas que muito nos afectariam. Nos tempos que correm, infelizmente, até as admoestações para obstar à muita indisciplina que reina não são toleradas por ciosos pais. Outros tempos, outras mentalidades, outras formas de estar na vida.

Mestre Alcino teve uma vida intensa e multifacetada. Ensinou, geriu, pintou e escreveu abundantemente. De momento, parece querer dar-se apenas aos prazeres da tertúlia e do descanso. Felizmente, ele aí está de boa saúde. Há algum tempo que não conversamos, mas com ele me cruzo com regularidade, observando com satisfação o seu excelente aspecto, para o qual não deixo de chamar a sua atenção, sabendo de antemão que logo me responderá: “faço por isso”.

Porém, temos saudades dos seus quadros e dos seus escritos. Ainda é novo para parar, Mestre... Vamos ao trabalho... Mas, enquanto não volta a fazer uso dos seus atributos, alguém o faz por si e para si. Aqui fica o seu retrato pelo traço do meu amigo Rui Alpuim.



*Gonçalo Fagundes Meira*



**MANUEL CARVALHOSA & CA., LDA.**

**CONSTRUÇÕES MECÂNICAS  
Manutenção Industrial**



**LUGAR DAS PORTELAS - 4925-583 PERRE - VIANA DO CASTELO  
TEL. 258 832 133 - FAX 258 832 105 - TLM: 969 024 743 - 966 496 300  
e-mail: mcarvalhosa@mail.telepac.pt - www.mcarvalhosa.com**

## ■ ERA UMA VEZ - Recordações

Curso industrial ano 1947/8 - Ciclo preparatório 1949/50/1

Estávamos no ano de 1947. Era chegada a altura de fazermos, “face à música”, fazer o exame do segundo grau e ingressar na Escola Secundaria.

Uma transição importante que se recorda bem. Foi assim a entrada para a Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo!

Existiam nessa altura três cursos. O Industrial, o Comercial e o de Costura e Bordados, este só dedicado a meninas. Os rapazes eram ainda alheios a estas actividades. Tudo mudou até aos nossos dias, e, hoje, seria facilitado este curso a todos, menina ou . . . . .menino! Coisas!

Em minha casa decidiram, sem oposição, atirarem-me para o curso industrial. Na família sempre existiu a tendência natural de ninguém saber fazer nada que precisasse de usar martelo. Eram todos mangas-de-alpaca e empregados, nada de trabalho real. Eu tinha que alterar o estilo familiar então existente!

A Escola não estabelecia limite ao número de anos que os alunos podiam repetir, de maneira que, quando lá chegamos encontramos alunos de porte, grandalhões, de barba bem definida e vivendo num estado de permanente residência. A maioria pertencia ao curso comercial. Malandragem estatutária!

Acolheram-nos bem e nos ensinaram a dar os primeiros passos, a crescer e a dar as primeiras fumaças. Os mais putos iam comprar-lhes os cigarros ao Quiosque da Olívia e em paga deixavam-nos “tirar duas” na porisca residual! Dois cigarros custavam três tostões o que era geralmente o máximo possível das compras. Ajudávamos, assim, logo de pequenos, a enriquecer a Tabaqueira e a ganharmos mais tarde uma porção de problemas pulmonares com essa simpatia pelo tabaquito.

O ano de 1947 foi o último ano permitido para admissão ao curso industrial, e como não podia haver repetição de ano, muitos dos alunos acabaram o curso com mérito ou passaram à rasca! Não tinham outra oportunidade!

Resultado: no final dos cinco anos regulamentares os

laureados com diploma, que escaparam à foice foram o Francisco “Nico”, Nicolau, Ivo “Americano”, o Cadilha, o Carlos “Moscas”, Melo, o Francisco “Bigodes” Almeida, o Oliveira “Queirinho”, Lima, Berto Mesquita, João Silva e o

Varajão”, o de pata grande”, já usava botas 44 quando entrou para o primeiro ano!

Fiz o primeiro ano com estas belezas, e recordo claramente os nossos professores assim como outros colegas que já se encontravam nos anos mais adiantados.

Eram o Chico “Moca” Franco, o Albino Lima, o Agostinho do Cruzeiro e o Barreto. No curso de “Costura e Bordados”, estudavam a Alice Hermínia, a Alice Passos e a Beatriz Marinho. Umhas moças já grandes e de respeito!

Os professores que nos educaram foram os seguintes: de Português, o Dr. Vasconcelos; de Matemática, o Dr. Xavi – que frequentou também um curso de massagista ao mesmo tempo que o “Mãos de Pilão”, massagista do Benfica; de desenho, o Arquitecto Miguel Nogueira (“sabe hum, percebe hum”); de Talha, o mestre Carvalho “o Madera”; de modelação, o Dr. Tavares da Silva; e de Religião e Moral, o Padre Daniel Machado. Todos escolhidos a dedo e perfeitinhos!

Com a ajuda deste conjunto de mestres, saíram do curso um “churrasmo” de profissionais que ainda hoje encantam a vida e se lhes admira o sucesso. Só fiz um ano neste curso, que até passei à rasca na talha, seja isso dito.

Retornei um ano mais tarde para entrar no Ciclo Preparatório, para a turma B e aí encontrei outra mistura de malandragem de dar gosto!

Como tinha um ano de experiência do Curso Industrial e um ano de aperfeiçoamento cívico e prático com a rapaziada



da minha vizinhança do Largo do BC9 (9 de Abril), estava um bocadito mais avançado em relação aos meus novos colegas.

As disciplinas davam gosto de aprender! Até música e solfejo nos era oferecido.

O carinhoso matemático "Mãos de Pilão" e o bom reitor de Religião e Moral me esperavam no novo Curso. Religião e Moral era uma disciplina muito delicada para mim. Só passava à rasca, com a classificação de Regular, o máximo que o Padre Daniel me conseguia arranjar no fim dos períodos.

Eu tinha o hábito de me armar em espertinho, introduzindo os meus comentários nas aulas uns de temas vindos da garotagem do BC9, termos esses ainda não definidos na matéria de ensino do bom padre! Vi-me muitas vezes à rasca para justificar à minha mãe aquilo que ele lhe dizia em privado na confissão. Desci consideravelmente em pontos no critério do mestre da fé, mas com a ajuda de umas cunhas maternas, passava.

O Ciclo Preparatório trouxe com ele uma vaga de meninas, lindas, à volta da nossa idade, quem nós, já de olho vivo, íamos apreciando com atenção. Estávamos separados no recreio pela rede e o olho electrónico da Maria da Soledade. Dessa proximidade visual foi inevitável que muitos nós mos

apaixonássemos!

Eu fiquei tropeçando em cada olhadela da Chelo. Por ela subi milhentas vezes as escadas íngremes do Rio Novo que me levava às Ursulinas! Ela vivia lá. Pelo que sei, nessa mesma altura, o Zé C. ficou de beija pegada pela irmã dela, a Tina, lourinha com olhos azuis e tudo! Eram lindas entre as outras lindas! Mas houve outros mais que por ela penaram! O Berto M. foi também eleito. Boas memórias! Ricos tempos!

O meu alcoviteiro contratado era o Elias "Felito" Brull, que lhe levava os bilhetinhos. Todo eu tremia de feliz quando havia resposta ou uma olhadela mais simpática! A escola tinha outro brilho com ela presente! O "Felito" era bom a fazer esses trabalhos especializados, pela experiência adquirida de anos passados no "under ground" em França, onde os pais se refugiaram do Franco, o nosso querido vizinho do lado. O pai do Felito era Rojo!

Um dia, a Chelo ofereceu-me uma fotografia. Ela continúa nos meus arquivos, embora a realidade actual não tenha nada a ver com o que éramos nesse tempo.

Noutro dia, o arquitecto Gomes arrumou-nos num molho e tirou-nos uma fotografia em frente à escola. Estávamos no segundo ano do ciclo e o meu último de estudo diurno. Os Estaleiros Navais esperavam-me para novos progressos! Que molho de gandulos conheci naquela turma!

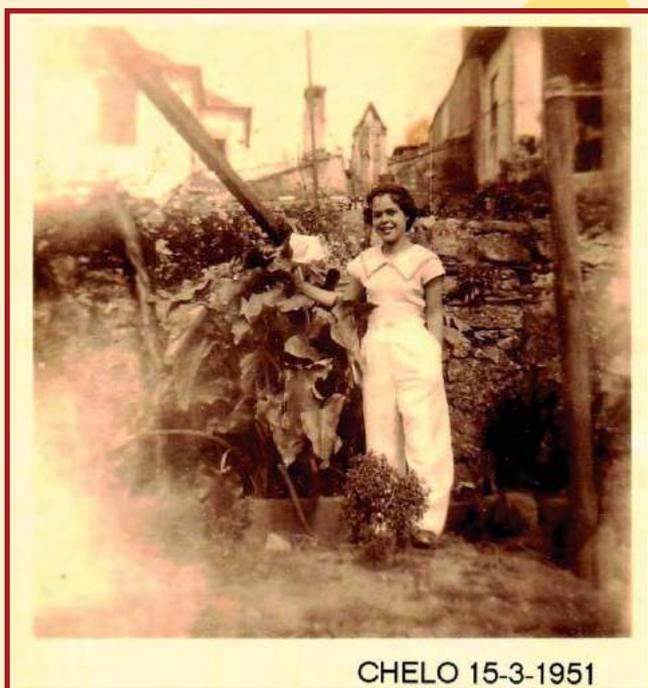
A fotografia dá para reconhecer hoje alguns de cabelos brancos. Outros já nos deixaram para sempre.

Tínhamos uma equipa representativa de "Net Ball" que era um desastre! Pior do que a actual equipa de São Julião de Freixo! Levava sempre porrada dos peneirentos do Liceu.

O Sr. Adérito era o professor de Educação Física, de precedentes traços eclesiásticos. Não chegou ao sacerdócio por escorregadela no apuramento final.

Com essas bases nos tentou manter física e moralmente controlados. Foi um desperdício de energia porque nada nos podia dar concerto!

A Escola foi representada no grupo de ginástica aplicada na inauguração do estádio 28 de Maio em Braga. Fomos muitos



CHELO 15-3-1951

e dessa inauguração fiquei agradecido à Mocidade Portuguesa, porque nos ofereceram o calção e camisola de atleta, branquinho, que a minha mãe depois transformou em cueca e camisola interior. Qualidade boa de roupa de desporto pois os ciganos ainda não tinham invadido o mercado do retalho.

A farda oficial da MP, vulgarmente chamada de Feijão Verde, só permitia desfile e não tinha o valor familiar de se poder transformar em roupa que desse para fazer cueca!

O colega Varandas trazia de casa - ele vinha de Lanhelas - umas merendas abonadas, de fazer apetite a quem as via e que ele raramente comia. Eram feitas daquelas coisa boas que se viam na montra do Dantas! Usei a nossa amizade para o ajudar a fazer os exercícios e ele repartia comigo as iguarias. Até ovos cozidos trazia que eu pedia à Sra. Soledade para mos aquecer na panela da sopa da cantina, e sanduíches de salame e de queijo, daquele bom! Uma delícia. Memórias de felicidade! Fiquei muito triste quando anos mais tarde soube que o Varandas nos tinha deixado!

Havia um orfeão conduzido pelo Mestre Zé Pedro que deu "show" no Teatro Sá de Miranda. Foi um verdadeiro sucesso. A gravação musical desse espectáculo foi transmitida num Domingo de manhã Moura, na Praça da Republica, e todo o mundo que ouviu, gostou. Foi lindo!

Nesse espectáculo o Mário Sousa Pinto brilhou à altura de mestre de apresentação e com uns recitais impressionantes. Um deles começava assim: - "Era uma vez uma mãe..." - e levou ovação de merecidas palmas. O Mário tinha um jeitão para botar faladura em público e assim continuou pelos anos fora!

Os Trabalhos Manuais tinham, sem dúvida, seu carácter de mestria do Manel da Fonte! Tão forte era o seu carácter que ainda hoje recordo uma frase dita em momento de crise!

Estávamos ocupados a fazer uma junta tipo "rabo de andorinha". Instruções dadas, tábua fornecida, marcação feita e serrote na linha. Tudo lindo, mas quando cortei a segunda tábua de entalhe em vez de cortar pelo lado de dentro da linha cortei-a pelo lado de fora. Resultado, a junta não se tinha nas pernas com tanta folga!



2º ANO TURMA B - 20/10/1950

Desesperado, pedi auxílio ao mestre Fontes, que se partiu a rir ao ver aquele espectáculo. Continuou a enrolar o cigarro na calma alheio ao meu pânico! Estou a vê-lo! Sentado em cima da banca, cara feita de sacana e risonho até às orelhas ali mesmo me despejou o conselho! - "Olha pá, mija-lhe que isso incha" - e continuou, calmamente, a dar prioridade ao cigarrinho.

Divertiu-se com a situação! Não lhe perdoei na altura mas, com o tempo, ficamos até amigos.

Só realmente apreciei o seu dito quando passados muitos anos me envolvi em processos associados com a técnica de fabrico industrial com madeiras e compreendi então completamente a composição capilar interna da árvore!

O Mestre Fontes tinha mais que razão no conselho dado, pois o sistema capilar da madeira se dilata quando em contacto com líquido e disso resultaria que o malhete ficasse mais apertadinho.

Mas, na altura, a ideia de dar a molhadela recomendada pareceu-me inapropriada e só a sugestão foi suficientemente dolorosa. Atendendo também que com naquela idade as funções fisiológicas relativas "aquela tecnologia" eram-me desconhecidas.

Tirou-me muitas fotografia, quando eu dava a minha volta aos domingos de manhã pelo jardim. Também foi o fotografo do nosso casamento, que nunca lhe paguei talvez por vingança, e esse mesmo amigo Fontes, uns tempos depois de estarmos casados encontrou-nos na Praça da República e descaradamente disse-nos: – Estás porreiro pá! Vê-se logo quem é que faz força lá em casa! Talvez se vingando do meu pagamento em branco!

Ele foi o mestre Fontes de princípio ao fim, incluindo depois, em tempos, ter levado um ferimento numa perna, em situação desesperada que nem sequer lhe sujou as calças! Foi-me contado! Homem, artista e amigo! Obrigado “seu” Fontes! Visito-o, no seu lugar de repouso, quando lá passo!

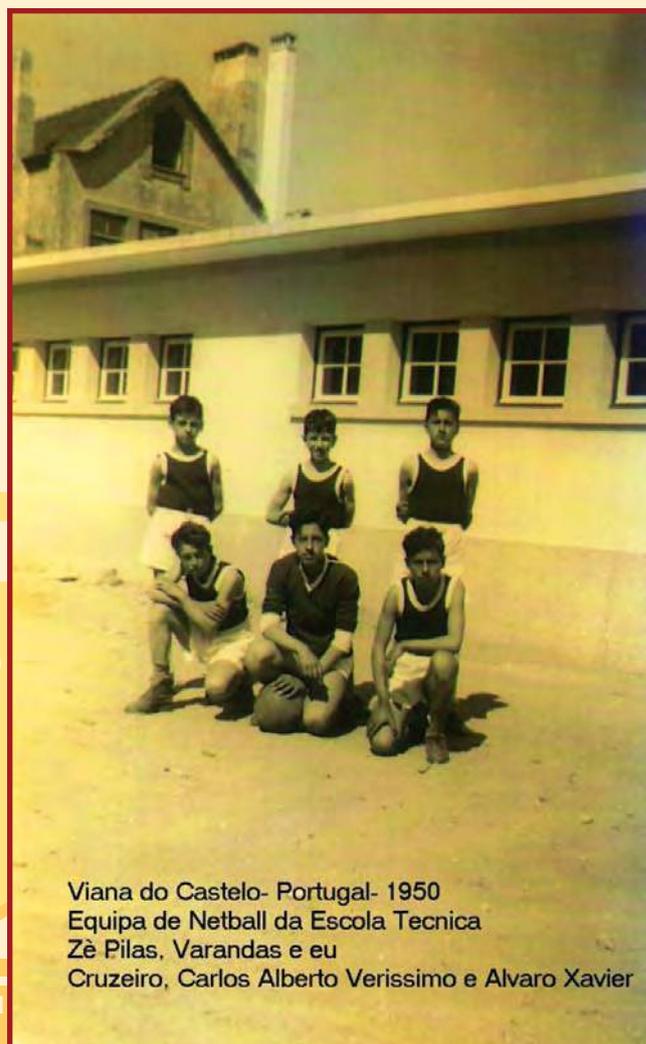
Os contínuos da escola eram todos de bom coração com a excepção do Sr. Rego que era “mau como as cobras”. O Sr. Braga e o Sr. Magalhães e, às vezes, o Sr. Neiva, eram muito queridos e raramente nos levavam ao director, mesmo quando fazíamos campo de patinagem no átrio da escola, em dias de chuva. Até a Maria da Soledade, a do “olho electrónico”, era bem querida de todos.

E quem não se lembra dos matraquilhos na casa da Mariazinha do Ulisses na Rua do Leite? Era o nosso casino quando não podíamos fazer desafio de bola no Campo da Agonia por falta de jogadores, ou porque os índios da Ribeira nos ameaçavam roubar a bola. E a Mariazinha, às vezes, dava-nos crédito. Bons tempos de miséria financeira!

Associado ao ambiente estudantil, com nossos rogos colectivos, peço a Deus que proteja em bom lugar as alminhas da Martalhé e da Maria do Céu, donas das tendas no Jardim D. Fernando, onde se guardavam os livros entre as frutas e os chupa chupas, quando íamos pró campo jogar à bola.

Havia um código de respeito entre nós de não fanar os livros aos colegas. Tudo o que se deixava a guardar era encontrado. Honestidade nesse passado bom, para nunca ser mais repetido!

Tudo acabou, mas, este ano, mais uma vez nos vamos encontrar e recordar, talvez com saudade, esses tempos de



Viana do Castelo- Portugal- 1950  
Equipa de Netball da Escola Tecnica  
Zê Pilas, Varandas e eu  
Cruzeiro, Carlos Alberto Verissimo e Alvaro Xavier

estudantes.

Os princípios básicos que nos foram administrados na escola deram-nos um bom começo de vida que muito ajudou a ultrapassar situações difíceis.

O carinho entre os colegas que se tornaram progressivamente mais amigos, e até em alguns casos familiares entre si, ainda hoje é manifestado nos nossos encontros.

Acho que tudo aquilo que fomos e vivemos foi de um valor inestimável e nos é profundamente querido.

Vos deixo ficar, com um abraço, a graça, e os anos de rapaz que alimentou daquilo que nos trouxe hoje aqui para recordar.

Obrigado por esta amizade e...até logo!

*Eduardo Simas*

## ■ CENTRO HISTÓRICO DE VIANA - No rasto de um encontro recente

Nestas três últimas décadas o centro urbano da (nossa) cidade tem sido, sob diversas formas e com propósitos relativamente distintos, objecto de várias acções urbanísticas, inscritas num contexto histórico mais geral, caracterizado por uma renovação do interesse pelos centros das cidades. Sobre os propósitos de “renovação do vetusto” e de “reabilitação do antigo” talvez não haja nada a dizer.

O que verdadeiramente nos preocupa é a imbricação complexa entre diversas lógicas públicas e as estratégias individuais ou colectivas de alguns actores. A exaltação de algumas intervenções, assim como a Praça da Liberdade, a “crença” na cidade como objecto estético, refira-se como exemplo emblemático a demolição do prédio dito do Coutinho, e o anúncio de realizações que mobilizam, sem qualquer contraturalização eleitoral, milhões de euros, fazem esquecer, acima de tudo outras necessidades e outras prioridades. A “monumentalização” e a “patrimonialização” da cidade, podendo contribuir para uma nova estratégia de atracção e promoção de Viana do Castelo, só fazem sentido se a intervenção autárquica sobre o centro for alargada a outros territórios desqualificados, periféricos e mais vulneráveis.

Em nossa opinião, os vianenses não podem olhar para a cidade como aqueles budistas que, à custa de muito meditar, conseguiram ver uma grande paisagem numa ervilha. O desenvolvimento social da cidade não está nas intervenções pontuais sobre o tecido central da cidade. Por isso, a “ingresso” da cidade na modernidade não pode ou não deve resumir-se à construção, eventualmente dispensável, do “novo tríptico” arquitectónico, “obra do regime”, concorrente com o da Praça da República. Nem a reestruturação do seu centro urbano, particularmente profunda a partir da publicação, segundo Gonçalves Fernandes, do Decreto de 31 de Dezembro de 1864, pode fazer esquecer a intervenção pública do Poder Central através do Programa Polis, nem o contributo visionário de muitos vianenses ilustres tais como José Afonso d’Espregueira e João Thomáz da Costa. Com efeito nenhum vianense pode estigmatizar ou omitir esses impulsos de valorização da cidade e, por consequência, da “comercialização” local, regional ou mesmo internacional da sua imagem. Há todavia limites que decorrem dos processos de intervenção e da ambição social que neles depositamos. Mas, seja como for, não somos, nunca fomos, contra a reabilitação, renovação ou requalificação do centro histórico.

Na nossa perspectiva, as excessivas preocupações com o centro histórico da cidade poderão agravar, por negligência política ou desconhecimento de outras realidades bem mais duras, as causas da degradação física e social de certas zonas (*Quinta de Monserrate, Abelheira, Areosa e outras*) da cidade e do concelho.

A coerência, a identidade e a melhoria das condições de vida dos vianenses não dependem, insistimos, de intervenções urbanísticas avulsas e parcelares.

Vem este apontamento a propósito de se ter realizado em Viana do Castelo entre os dias 20 e 22 de Novembro de 2008, o XIII Encontro Nacional de Municípios com Centro Histórico, numa iniciativa da Associação Portuguesa de Municípios com Centro Histórico e com o apoio do Município de Viana do Castelo.

*Não basta fazer monumentos e não termos pessoas a viver no centro histórico.*

*Os centros históricos sem pessoas não vivem.*

Mas para isso é preciso fazer regressar a população, particularmente a população jovem, isto é, casais jovens. Esta intenção terá que ter subjacente a existência de condições de habitabilidade dos edifícios mais degradados, podendo o Estado/Autarquias nesta matéria ter um papel crucial através da aquisição desses imóveis, procedendo à sua recuperação e pondo-os no mercado de arrendamento com preços atraentes para a fixação de jovens casais.

Parece-me, ainda, muito importante já que temos estabelecimentos de ensino superior, o Estado adquirir alguns dos edifícios em ruínas, recuperá-los e instalar nesses edifícios alunos com mais dificuldades económicas.

A permanência de gente idosa nos centros históricos assim como do chamado comércio tradicional, também deve ser estimulado através de programas de reabilitação urbana específicos de forma a que os chamados registos de vivências de tempos passados não se perca e se estabeleça uma ponte entre o passado e o presente e o futuro.

A reabilitação dos centros históricos deve também passar sempre que tal é possível pela instalação de serviços públicos de forma a que a utilidade funcional destes espaços permaneça viva e não apenas circunscrita ao plano habitacional.

Por fim, a recuperação dos edifícios do centro histórico degradados, com valor histórico cultural reconhecido, devem ter incentivos fiscais de forma a que os proprietários os recuperem.

Março/09

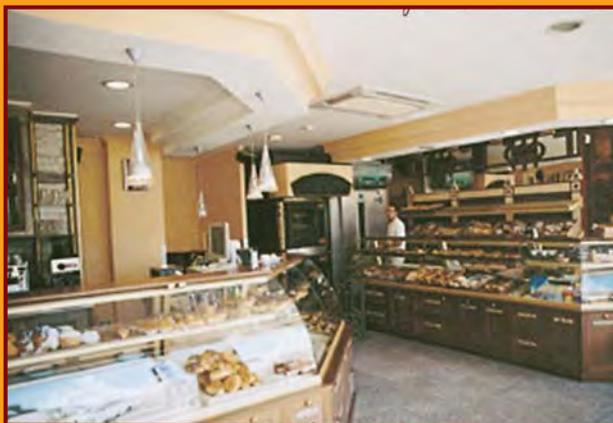
Rui Viana - Sócio n.º 83



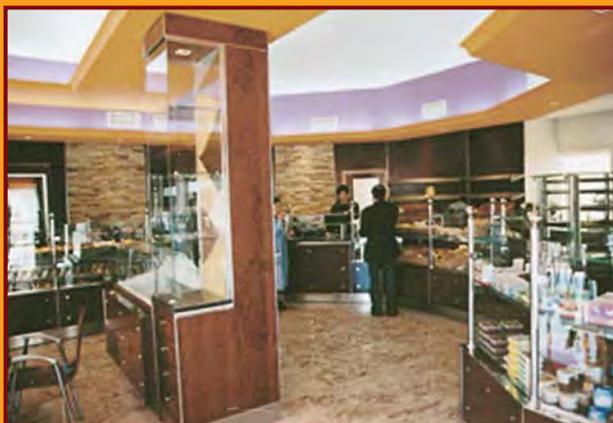


# casa do pão

P A S T E L A R I A



*casa do pão 1*  
Rua da Igreja, 67 Meadela  
4900 Viana do Castelo Tel. 258 843 883



*casa do pão 2*  
Rua de Alberto Sousa, Lote 8 Monserrate  
4900 Viana do Castelo Telm. 93 583 65 45



*casa do pão 3*  
Rua de Aveiro, 170 Sta Maria Maior  
4900 Viana do Castelo Tel. 258 822 219

**horário:**  
**07h00-20h00**

**Domingos**  
**07h00-13h00**

### O Estudo e a Vida

Porque já foste estudante.  
Desde miúdo ou depois de crescido.  
Cheio de aventuras e andante.  
E dos périplos nada adormecido.

Após a aprendizagem inicial.  
Surge a profissional formação e superior.  
P'ra saída ao trabalho. É o tradicional.  
Mais tarde encontrar, traquejo ulterior.

Ouve! Na vida há muito p'ra fazer.  
E neste mundo, tanto por afinar.  
P'ra o ser humano poder crescer.

Com o teu saber podes ensinar.  
Pois se és doutor! Terás mais que saber.  
P'ra ao futuro da humanidade dar ...

F. Correia dos Santos  
Sócio n.º 31

### A solução...

Quando a Religião se tornar científica  
E a Ciência se tornar religiosa,  
Podereis descobrir o "Caminho da Rosa"  
E tecer uma veste mais pura e magnífica!

Se tendes como objecto, só, Fama honorífica,  
O Poder, o dinheiro, sexo ou a vida airosa,  
Usando-os mal, numa senda tão perigosa,  
Como tereis uma alma, ou ser ela pacífica?

Assim, todo o mal que existe e que o mundo encerra,  
Dizendo querer Paz se vai semeando a Guerra,  
Desemprego, miséria, dor, desolação...

Mas quando, homem, conheceres o teu próprio Eu,  
A Plena Vacuidade, o Silêncio... o teu Céu,  
A Terra florirá e todos terão pão!

29/10/2008

José Franco  
Sócio n.º 132

### A CRISE...

Às vezes, quando penso neste mundo  
E no sistema em que ele está montado,  
Não é de ficar, mesmo, admirado,  
Se temos que bater, talvez, no fundo...

Faz-me lembrar aquele emaranhado  
Em lugar triste, ou em lugar imundo,  
Onde irá cair o pobre coitado,  
Sem a Luz no seu íntimo, profundo!

E com um ar seráfico tranquilo,  
A grande "aranha" vai tecendo a teia,  
Para viver dos outros e... "daquilo"...

E vêm depois uns homens - alcateia -  
Chorando lágrimas de crocodilo,  
Querer lançar aos olhos, mais areia!

24/10/2008

J. Franco  
Sócio n.º 132

### "ANANDA"

A Felicidade é interior  
E não depende, nada, do que nos rodeia;  
Pois quem faz o mal, para si o faz...  
A Felicidade é, o verdadeiro Amor,  
A LUZ que ofusca a da candeia,  
Que ilumina e nos dá a PAZ!

08/11/2008

José Miguel Franco  
Sócio n.º 132

## IX JOGOS FLORAIS

Realizaram-se os IX Jogos Florais, aos quais podiam concorrer todos os antigos e actuais alunos e professores da Escola Industrial e Comercial Nun'Álvares, Escola Industrial e Comercial de Viana do Castelo e Escola Secundária de Monserrate.

Cada concorrente poderia apresentar até 2 trabalhos inéditos em qualquer das seguintes modalidades:

Em poesia: - Lírica  
- Soneto

Em prosa: - Conto  
- Ensaio

O júri foi a Direcção da AAETEC atribuindo a seguinte classificação:

### POESIA LÍRICA

1º Prémio *Viana do Castelo é Amor*  
Pseudónimo - "Alexandre Herculano"  
Autor - Antero Augusto Torres Sampaio - sócio n.º 54

2º Prémio *750 Anos do Foral Afonsino a Viana do Castelo*  
Pseudónimo - "Tésis"  
Autor - Francisco Correia dos Santos - sócio n.º 31

3º Prémio *Recomendação*  
Pseudónimo - "Sotam"  
Autor - Leandro Neves de Matos - sócio n.º 109

### POESIA SONETO

1º Prémio *750 Anos do Foral Afonsino a Viana do Castelo*  
Pseudónimo - "Ársis"  
Autor - Francisco Correia dos Santos - sócio n.º 31

2º Prémio *O Primeiro Foral*  
Pseudónimo - "Couto Viana"  
Autor - Antero Augusto Torres Sampaio - sócio n.º 54

3º Prémio *Festejando!*  
Pseudónimo - "Enamorado"  
Autor - José Miguel Resende Franco - sócio n.º 132

### ENSAIO

1º Prémio *750 Anos do Foral Afonsino a Viana do Castelo*  
Pseudónimo - "António Feijó"  
Autor - Antero Augusto Torres Sampaio - sócio n.º 54

2º Prémio *750 Anos do Foral Afonsino a Viana do Castelo*  
Pseudónimo - "Ensaísta"  
Autor - Francisco Correia dos Santos - sócio n.º 31

ALUNOS - Escola Secundária de Monserrate

### POESIA SONETO

1º Prémio *Esplêndida Cidade*  
Autora - Ana Luísa Bacelar Corte Real - 10.º ano

2º Prémio *Cidade da Terra e do Mar*  
Autora - Virgínia Barbosa - 10.º ano

## ■ POESIA LÍRICA

### Viana do Castelo é Amor - 1º PRÉMIO

Sabes meu Amor,  
onde fica Viana do Castelo,  
cidade linda, airosa,  
que tem um imponente Castelo,  
terra do Alto Minho,  
onde há muito pão e vinho,  
onde no Verão faz calor  
e a terra é generosa.  
Onde vive um Presidente,  
eleito por muita gente,  
num castelo amuralhado,  
por donzelas rodeado,  
um Patriarca dum Povo  
e que já não é nada novo?

Sabes meu amor,  
onde fica Viana, da Foz do Lima,  
aquela linda menina,  
viçosa como uma flor?  
Que, em 1258, um Rei de Portugal,  
jovem, valente, guerreiro,  
chamado D. Afonso Terceiro,  
lhe concedeu o primeiro foral?  
Que foi a Rainha Dona Maria,  
segunda, assim se chama,  
com o poder de Majestade,  
com orgulho e alegria  
e com grande desvelo,  
em 1848, lhe deu o foral de Viana,  
de Viana do Castelo,  
elevando a Vila a Cidade?

Sabes meu amigo,  
onde fica Viana do Castelo,  
rodeada de campos, trigais,  
pomares e laranjais.  
Com um lindo casário,  
é banhada por um grande rio  
com as águas cintilantes?

Sabes meu menino,  
onde fica Viana do Castelo,  
com os seus montes altaneiros,  
cheios de árvores, pinheiros,  
onde vivem moças belas,  
algumas lindas donzelas,  
fortes, bonitas, com tino.  
Onde nas noites de luar,  
apaixonados vão-se beijar,  
no areal do Cabedelo!...  
Que durante este ano inteiro,  
vai estar em festa total,  
comemorando o seu foral,  
dado por aquele rei guerreiro,  
D. Afonso, o Bolonhês, Terceiro?.

Não sabes? Não acredito!  
És um ignorante, um maldito.  
devias ser enforcado,  
fuzilado, violado,  
cortado às postas  
da cabeça até às costas.  
Se houvesse Inquisição  
ias p'ra fogueira, meu morcão.  
E, como és analfabeto,  
furavam-te o cu com um espeto.  
Com essa cara de menino,  
não passas dum cretino,  
que não conhece na Geografia,  
essa terra, torrão tão belo  
que é Viana do Castelo,  
onde canta a cotovia.

Não sabes, tens a certeza,  
onde fica Viana do Castelo,  
terra de rara beleza,  
onde há bom vinho e pão  
e gente de bom coração.  
Gente tão generosa,  
tão amiga, tão bondosa,  
terra de poetas, senhores,  
que deu à Pátria, doutores?  
Então, toma um conselho,  
dum jovem, mano velho  
que conhece Viana do Castelo,  
com o monte de Santa Luzia tão belo.

Vai, vai por esse Minho encantador,  
percorre cidades, vilas e aldeias  
e verás como o Minho é Amor.  
Atravessa campos, vales e montes  
e bebe a água que brota das fontes.  
Dança com minhotas, bonitas ou feias,  
umas descalças, outras com meias.  
A góta, o vira, a chula e o malhão  
E sacia a apetite com broa e salpicão.

E quando encontrares uma linda terra  
onde a gente é boa e não há guerra,  
onde vive um Rei, Amigo do povo,  
e que já não é nada novo,  
alegra-te, dá um sorriso.  
Chegaste ao Paraíso.

Viana do Castelo, terra maravilhosa,  
tão garrida, tão formosa,  
onde canta o lenhador.  
É terra de gente bela,  
tem o amor duma donzela.  
Moças novas, casadoiras,  
lindas como espigas loiras,  
e que tem um grande Senhor.

E, mesmo que esteja frio  
com os pardais no casario,  
poisados, a chilrear.  
Vai visitar uma capelinha.  
Entra. Compra uma velinha  
e depois põe-te a rezar.

E, numa prece ardente a Deus,  
com os olhos postos nos Céus,  
pede a Jesus, à Virgem da Caridade,  
que abençoe esta cidade,  
onde as moças são tão belas,  
terra de lindas donzelas.

E, quando regressares a casa,  
já com um grãozinho na asa...  
encontrares um Presidente,  
que foi eleito por toda a gente,  
um Patriarca dum Povo,  
alto, espadaúdo, já nada novo,  
com um escudeiro muçulmano?  
Dá-lhe um abraço do Herculano  
e diz-lhe: Meu Amo, meu Senhor,  
já que conheço Viana, da Foz do Lima, do Castelo,  
com aquele Monte de Santa Luzia, tão belo,  
quero ser seu servidor.

“Alexandre Herculano”

## ■ POESIA LÍRICA

### 750 Anos do Foral Afonsino a Viana do Castelo - 2º PRÉMIO

Esta cidade bonita e encantadora.  
Na foz do rio Lima situada.  
À sua margem direita postada.  
De alegres recantos, fiel possuidora.

Assim se fundou com outorga de foral.  
A vila de Viana 1258, D. Afonso – o terceiro –.  
Como município o emancipou – a terreiro –.  
Nesta corda alto-minhota do litoral.

Vila com raiz, já praça-forte e amuralhada.  
A rainha D. Maria II a elevou a cidade.  
Viana do Castelo, oh! Meritória vaidade.  
E a alta montanha de Santa Luzia alcantilada.

És marinheira e do mar rainha!  
De “foz em fora”, sempre a navegar.  
Esta Viana do rio, não se cansa de remar.  
Alegre e buliçosa como a sardinha.

A devida retaliação a flibusteiro ou corsário.  
Com corpo e desenvolvimento como uma liana.  
Eu te saúdo, oh! Cidade de Viana!  
Este ano, 2008 – 750 anos de foral aniversário –!...

“Tésis”

### Recomendação - 3º PRÉMIO

Aí está a Artemaio  
Mês de reencontro e de festa  
Feita por “jovens” do antanho...  
Não há festa como esta!...  
Vou aproveitar p’ra expressar  
Com alguma convicção,  
Que Viana não está a desprezar  
O que tem p’ra reparação.  
Desde a marginal praia Norte  
Até à rua dos Bombeiros  
E desde o Campo d’Agonia  
Até à de D. Afonso III,  
Tudo é benfeitoria,  
Tudo é mais belo e atraente,  
Até porque a nossa autarquia  
Quer contentar toda a gente.  
Há! É rotundas em muitos lados.  
Das maiores às mais miúdas  
Com espaços abandonados  
Criando musgo e ervas graúdas.  
Não acham que seria melhor  
Abrir concurso aos noventos  
Da nossa escola superior  
P’ra se erguerem monumentos?  
Em época de comemorações  
Seria até de tom genial,  
Para as futuras gerações  
Erguerem ali um pedestal!...  
Se viesse cá o Bolonhês!  
Registava com certo apreço,  
Que o nobre Foral vianês  
Não foi dado a qualquer preço.  
Se calhar, falta é vontade!  
E até dava mais nas vistas  
Ver-mos a nossa cidade  
Com outro cartão de visitas!  
Para além do que se fizesse  
Não seria de má figura  
Que à D. Maria se erguesse  
Uma obra de escultura  
Assim, aproveitávamos por inteiro  
As comemorações vigentes  
P’ra dizer ao D. Afonso III  
Que 750 anos estão presentes!...

“Sotam”

### ■ POESIA SONETO

#### 750 Anos do Foral Afonsino a Viana do Castelo - 1º PRÉMIO

D. Afonso III, o quinto rei da nossa história.  
Reconhecendo tal local de estratégia e estima.  
Impono nomen Vianna... à Vila da Foz do Lima.  
P'ra este sinete não ser olvidado na memória.

Desta carta e foral Afonsino – Fundador do concelho –.  
D. Maria II, após 590 anos eleva esta Vila a Cidade.  
Viana do Castelo, lhe doou o nome com notabilidade.  
Pois já fortificada, seria seu melhor espelho!

Esta telúrica, airosa e nobre povoação.  
Como Vila a seguir Cidade e, demais autonomia.  
Também se tornou baluarte da nação...

Visitada pelo turismo, a sua gente recebe-o com altivez e galhardia!  
Com notável desenvolvimento urbano; condigna proliferação.  
Este ano perfazendo os 750; Festejando a carta de foral e alforria!...

“Ársis”

#### O Primeiro Foral - 2º PRÉMIO

D. Afonso Terceiro, um Rei jovem e valente,  
Rei dos Algarves e também de Portugal,  
Num gesto de justiça, de nobreza, deu à gente  
De Viana, em 1258, o seu primeiro Foral.

Faz agora setecentos e cinquenta anos. E a cidade  
De Viana da Foz do Lima e do Castelo,  
Vai estar em festa, a celebrar esta sua linda idade,  
Encostada ao seu Monte de Santa Luzia, tão belo.

Oh Senhora da Agonia, oh Virgem da Caridade,  
Velai por esta Viana, por esta criança,  
Dai-lhe carinho, amor, não lhe façam mal.

Nos setecentos e cinquenta anos do seu primeiro Foral,  
Viana sente já o futuro, o pulsar duma esperança,  
De ser amanhã, uma grande cidade europeia, mundial.

“Couto Viana”

#### Festejando! - 3º PRÉMIO

Sinto mágoa, mas para quê chorar;  
Este mundo está tão extraviado!  
Que regalias venho festejar,  
Que foral ou que Rei, ou que Passado?

Hoje, ainda posso, enfim, talvez, sonhar  
Com o que o Rei Afonso haja sonhado!  
De poderes, Viana, alimentar  
Um sonho: seres livre... um ser alado!

Bem sei que sou a gota num Oceano;  
Que esta ilusão, que vês, é puro engano  
E até o que posso dar-te é muito pouco...

Cidade, para mim, não tens igual!  
Não menosprezo, não, o teu foral,  
Mas a tua Beleza, põe-me louco...

“Enamorado”

## ■ ENSAIO

### 750 Anos do Foral Afonsino a Viana do Castelo - 1º PRÉMIO

Antes de escrever sobre o tema em epígrafe, convém dizer que em definição preliminar, diz-se foral ou carta de foral (do latim fórum, *fuero* breve na terminologia espanhola) o diploma concedido pelo rei, ou por um senhorio laico ou eclesiástico, a determinada terra, contendo normas que disciplinam as relações dos seus povoadores ou habitantes entre si e destes com a entidade outorgante. Constitui a espécie mais significativa das chamadas cartas de privilégio. Registam-se primeiro, documentos muito rudimentares, que se estruturam fundamentalmente como contratos agrários colectivos: as cartas de povoação, cartas *pueblas* em Espanha, onde avulta o intuito de povoar o que está ermo, ou apenas de atrair nova mão-de-obra a locais já habitados. Para o efeito, o rei, o senhor ou a instituição eclesiástica – cada um a respeito do seu domínio fundiário – dirigem-se, as mais das vezes de todo em abstracto, aos que se queiram fixar em determinada localidade, mediante adesão às condições estabelecidas no diploma. Muitos destes actos ficaram na base da formação de núcleos populacionais autónomos. Assim como se resvala quase insensivelmente, da carta de povoação para o simples contrato de aforamento, poderá dizer-se também que passamos, sem verdadeira quebra de continuidade, da carta de povoação ao foral. Alexandre Herculano, apenas qualifica de forais os diplomas que conferem existência jurídica a um município, indiciada que seja por qualquer magistratura própria e privativa, de natureza fiscal ou judicial, sobretudo quando electiva. Deste mínimo requisito sobe, na sua divulgada classificação, até aos documentos onde a orgânica concelhia se estrutura de forma perfeita, considerando que, sem ele, pelo contrário, se estará em presença de meras cartas de povoação ou contratos agrários colectivos.

As dimensões e o conteúdo dos forais são variáveis. Por via de regra, os seus preceitos referem-se às seguintes matérias; liberdades e garantias das pessoas e bens dos povoadores; impostos e tributos; composições e multas devidas pelos diversos delitos e contravenções; imunidades colectivas; serviço militar; encargos e privilégios dos cavaleiros vilãos; ónus e forma das provas judiciárias; citações, arrestos e fianças; aproveitamento dos terrenos comuns. Trata-se, pois, fundamentalmente, de normas de direito público. As normas de direito privado ocupam nos forais um plano muito secundário.

Muitas vezes, ao conceder-se foral a certa terra, se tomava por modelo, um outro anterior, que se reproduzia integralmente ou com

modificações. Daqui, os vários grupos ou famílias de forais.

Entretanto, o progressivo robustimento do poder do rei e a uniformização jurídica, alcançada através da legislação geral, iam determinando o declínio das instituições concelhias, bem nítido ao longo do século XV. Em consequência dele, os forais, perderam o seu alcance anterior e transformaram-se em meros registos de municípios. Nas Cortes iniciadas em Coimbra, em 1472, os procuradores dos concelhos pediram a D. Afonso V, uma reforma dos forais, que não chegou a efectuar-se, apesar de ordenada pelo monarca. No reinado seguinte, em Cortes de 1481-82, voltam os municípios a denunciar a necessidade dessa revisão, alegando as opressões de que eram vítimas. D. João II determina a recolha de todos os forais e, na época de D. Manuel, a reforma – por obra de D. Fernando de Pina – processa-se efectivamente.

O advento do liberalismo abre um outro ciclo histórico. Já Melo Freire nas provas do seu projecto de Código Político, reconhecia a urgência da substituição dos antigos forais e que, esta obra se apresentava “tão necessária como o Código mesmo”. Vamos citar, apenas, alguns passos mais salientes desta reforma. Na Carta Régia de 7 de Março de 1810, dirigida do Rio de Janeiro, ao clero, nobreza e povo – dá-se conta de que for a ordenado aos governadores do Reino que se ocupassem dos meios “com que poderão minorar-se os forais, que são, em algumas partes do Reino, um peso intolerável”. Em 12 de Março de 1811, a Regência, pela Mesa do Desembargor do Paço, manda expedir ordens para que os corregedores das comarcas averiguem esses gravames (ofensa grave, encargo, ónus) dos forais; e a 17 de Outubro de 1812 uma portaria dos Governadores do Reino cria a Comissão para exame dos Forais e melhoramentos da Agricultura. Um Decreto, de 5 de Junho de 1824, cria uma Junta para a reforma dos Forais, comissão esta dissolvida por Decreto de 1 de Fevereiro de 1825 e substituída pela Junta das Confirmações Gerais. A marcha legislativa continuaria, pois, merecendo destaque a Carta de Lei de 22 de Junho de 1846, onde foram confirmadas, declaradas, ampliadas ou revogadas as disposições da reforma de Mousinho da Silveira; no ano imediato, a 11 de Agosto, segue-se a publicação do Regulamento a Observar na Conversão e Redução de Foros, Censos e Pensões.

FUNDAÇÃO DE VIANA – Capital de Distrito, conhecida pelo cognome de “Princesa do Lima”, Viana do Castelo, estende-se entre

o mar e o Rio Lima, num amplo vale delimitado a norte, pelo Monte de Santa Luzia. Ao Rei D. Afonso III, que lhe concedeu foral em 1258, deve Viana a sua fundação. Desde sempre povoação piscatória, o mesmo soberano mandou erguer junto à foz, uma imponente torre, para afastar da costa os piratas provenientes da Galiza e norte de África. À pesca associou Viana o comércio marítimo com o Norte da Europa (e posteriormente para o Brasil), tornando o seu porto de mar num dos mais movimentados de todo o País. A Viana ficou também ligada a Grande Epopeia dos Descobrimentos, através de personalidades como Gonçalo Velho, um dos primeiros navegadores do Infante D. Henrique, a quem foi confiada a colonização dos Açores ou Fernão Martins (o Mourão), que chefiou uma expedição à costa africana por ordem de D. João II.

Em 1847, um gesto de lealdade do comandante da Praça de Viana, levou a que a Rainha D. Maria II a elevasse a cidade. Resistindo ao cerco montado pelas forças do Conde das Antas, sublevadas contra o governo dos Cabrais, durante a guerra civil da Patuleia, o comandante da fortaleza dirigiu-se a Lisboa, para entregar a chave do castelo, à Real Soberana. Assim, determinou D. Maria que a vila fosse elevada a cidade e se passasse a designar Viana do Castelo e não Viana da Foz do Lima, como era antes. As suas principais actividades económicas são a indústria naval, a pesca, as indústrias de celulose e de produtos alimentares. Nesta cidade, está sediada, há cerca de vinte e seis anos, a sede da Região de Turismo do Alto Minho (RTAM), uma indústria que actualmente cria muitos postos de trabalho.

Viana do Castelo é cidade desde 1848 e vila desde 1258. Antes era um aglomerado agro-piscatório na margem direita do foz do Lima, descendente dos povoados castrejos dos montes circundantes, particularmente, do de Santa Luzia, onde se conservam restos de um castro romanizado e ocupado pelo menos até ao século IV. Mas encontramos vestígios paleolíticos nos terraços fluviais e praias elevadas ao quaternário. No século X, a região foi objecto de presúria (reivindicação ou reconquista à mão armada) pelo prócer (magnate, chefe) galego Paio Vermudes, fundador dum mosteiro que os seus descendentes restauraram em S. Salvador da Torre.

O objectivo do foral de D. Afonso III, cujos setecentos e cinquenta anos, comemoramos em 2008 e metade de 2009, foi o de criar um aglomerado urbano, de expressão mercantil marítima, junto à foz do Lima, concentrando no morro mais próximo do rio, uma população dispersa pelas quatro “vilas” existentes em redor e centralizando no

município a administração e eventualmente a defesa do termo concelhio. A muralha, concluída em 1374, tinha inicialmente quatro portas, mas dela só restam hoje escassos vestígios visíveis. Englobava no seu circuito um bairro marítimo e a lage do penedo onde se reuniam os “homens bons” e junto da qual se ergueu a Torre de Menagem. Mas deixava de fora a igreja paroquial, lugares rurais e a piscatória Ribeira. Foi por isso que no século XV se construiu intramuros, uma nova Igreja, dedicada a Santa Maria Maior, que tornou obsoleta a Igreja do Salvador e que transformou em Matriz (hoje é a Sé). De Viana, partiu João Álvares Fagundes, cuja monumental estátua está patente no jardim à beira-rio. À descoberta das terras do Noroeste Atlântico e, como ele, outros navegadores e militares, para o Brasil e para a Índia. De Viana, era o Capitão do Porto Seguro, Pero do Campo Tourinho.

Como o comércio e o porto tinham de ser defendidos, D. Manuel fez construir a Torre da Roqueta. A ameaça dos piratas obriga a obras de ampliação no tempo de D. Sebastião e D. Filipe fez aí construir a obra integradora que é hoje o Castelo de Santiago da Barra.

No século XIX surgiu o Teatro Sá de Miranda, o caminho-de-ferro, cuja monumental estação é obra de Alfredo Soares e a bela ponte metálica projectada por Gustav Eiffel. Mas, Viana do Castelo, não esquecendo o seu orgulhoso passado, preparou-se bem para este novo milénio. Surgiu um novo porto comercial, na margem esquerda do Rio Lima, dando outro movimento à zona de Darque e Cabedelo. É a nova ponte a valorizar uma IC 1, imprescindível nas ligações Valença-Viana-Porto. É o polígono industrial e o Ensino Superior. A nova doca de recreio, a Marina, complexo turístico de beira-rio. É o centro histórico revivendo-se nas ruas velhinhas de séculos. É todo um concelho motivado que se afirma, consciente da sua força e do seu querer.

Voltemos à celebração dos setecentos e cinquenta anos da concessão do primeiro foral a Viana do Castelo, tema deste ensaio.

O Quinto Rei de Portugal, D. Afonso III, o Bolonhês (1245-1279) que expandiu o território e organizou administrativamente o País, concedeu foral a Viana em 18 de Junho de 1258, na foz do Lima. Na carta de Foral de fundação do município, D. Afonso III, Rei de Portugal e dos Algarves, registou a sua vontade de criar no lugar do Átrio, na foz do Rio Lima, “... impono nomen Vianna”.

Transcrição do Primeiro Foral:

- (...) *In Christi nomine et eius gratia quoniam labilis hominum.*

*Memoria inventum fuit scripture remedium ut facta mortalium firma fierint et ad posteros eorum testimonio servarentur hinc est quod Alfonsus Dei gratie Rex Portugalie et Comes Bolone una cum uxor meã Regina domna Beatrice II-Lustris Regis Castelle et legionis filia et filio nostro infante domno Dionísio et filia nostra infantissa domna Blanca volo facere populam in lico qui dicitur Atrium in fosse Limie, cui popule de novo impono nomen Viana (...)*

Em Português actual:

*(...) Em nome de Cristo e da sua graça. Porque é instável a memória dos homens, encontrou-se o remédio da escrita, para que os actos dos mortais se tornassem firmes e chegassem ao conhecimento dos vindouros. Por isso é que eu, Afonso, por graça de Deus, Rei de Portugal e Conde de Bolonha, juntamente com minha esposa, Rainha D. Beatriz, filha do ilustre Rei de Castela e Leão e o nosso filho Infante D. Dinis e a nossa filha Infanta D. Branca, quero fazer uma Póvoa, no lugar chamado Átrio, na foz do Lima, à qual de novo imponho o nome de Viana (...)*

Ao mesmo tempo, lançou as bases do desenvolvimento da Vila de Viana que demonstrou ter uma forte vocação para o comércio marítimo.

Os setecentos e cinquenta anos do foral vão ser comemorados com dezoito meses de iniciativas culturais e desportivas. Dezassete livros sobre o Município, cento e vinte espectáculos e setenta e três “SERÕES SEM TV”, são algumas das iniciativas das comemorações que, iniciadas no passado mês de Janeiro de 2008, terão o seu encerramento a 18 de Junho de 2009. Assim, o programa inclui a edição de dezoito selos, postais e medalhas alusivos aos principais monumentos da cidade, inauguração de monumentos a Caramuru (navegador vianense), a Humberto Delgado (uma avenida de Viana do Castelo tem o seu nome), a Amália Rodrigues, que imortalizou Viana, com os seus versos e que já foi Presidente da Comissão de Honra das Festas da Agonia e a Frei Bartolomeu dos Mártires (beato que está sepultado em Viana do Castelo).

Em Janeiro passado, foi inaugurada, com pompa e circunstância, com a presença dos mais altos membros do Governo, a nova Biblioteca Municipal. Para o encerramento das comemorações, está agendada a inauguração do Pavilhão Multiusos, a que será dado o nome de

Coliseu. Um bailado inédito de Olga Roriz, (uma estrela vianense que se tem distinguido no mundo da dança clássica), dedicado a Viana do Castelo e uma sinfonia composta pelo vianense Cândido Lima são outras das iniciativas previstas para o encerramento das comemorações.

No sentido de convidar a população vianense a sair de casa, vai-se realizar, todas as quintas-feiras, um “Serão sem TV”. Para isso, os organizadores apelam para a criatividade dos movimentos associativos, no sentido de apresentarem iniciativas culturais, sociais e desportivas. O programa dos setecentos e cinquenta anos do Foral inclui ainda cinco “entrevistas históricas” a D. Afonso III, D. Maria II, Frei Bartolomeu dos Mártires, Caramuru e Melquiades Sobral. Exposições sobre o evento nas quarenta freguesias do concelho, por ocasião das principais festividades de cada uma delas, ajudam a preencher os dezoito meses de comemorações.

Viana do Castelo, uma cidade portuguesa, capital de Distrito, na Região Norte e sub-região do Minho-Lima, encastada no Monte de Santa Luzia, beijada pelo rio e pelo mar. Sede de um Município com 314,36 Km<sup>2</sup> de área e cerca de 36.750 habitantes no seu núcleo urbano e 83 mil em todo o concelho, subdividido em quarenta freguesias. O município é limitado a norte pelo município de Caminha, a leste por Ponte do Lima, a sul por Barcelos e Esposende e a oeste tem litoral no Oceano Atlântico. As origens do povoamento remontam a antes da era cristã, como o comprovam as ruínas de um castro ou citânia no Alto de Santa Luzia. Conforme foi mencionado, recebeu o seu primeiro foral do rei Afonso III de Portugal em 1258 e o nome de Viana da Foz do Lima em razão da sua localização geográfica; em 1848, foi elevada a cidade por Decreto de D. Maria II, tendo visto então a sua designação alterada para Viana do Castelo.

Não podia terminar este meu ensaio, sem dizer que Viana do Castelo foi sempre cantada e imortalizada pelos poetas. De muitos, escolhi o saudoso poeta Dr. Pedro Homem de Mello. No seu livro de poesia “Pecado”, publicado em 1942, P.H. M. sobre Viana do Castelo, canta assim: “A minha terra é Viana / São estas ruas compridas / São os navios que partem / E são as pedras que ficam... / É este sol que me abrasa / Estas sombras que me assustam... / A minha terra é Viana / (Não sei de berço mais belo...) / A minha terra é Vi-Ana / É Vi-Ana do Castelo!”

“António Feijó”

## ■ ENSAIO

### 750 Anos do Foral Afonsino a Viana do Castelo - 2º PRÉMIO

Na idade do Ferro, começou a ser construída e habitada a “Cidade Velha” mais conhecida por citânia de Santa Luzia, cita no cume da montanha sobranceira, à margem direita da Foz do Lima.

No ano de 1258 aos 18 de Junho, o rei de Portugal D. Afonso III – O Bolonhês – faz outorga de foral a Viana, fundando-a com estratégia na foz do rio Lima, com o bom porto que oferecia abrigo a qualquer navio, para incentivar o comércio marítimo.

Na carta de foral de Fundação do município, o rei registou a vontade de criar uma póvoa no lugar do Átrio, na foz do Lima, impondo o nome de Viana.

Em 1374, é concluída a muralha da vila, na periferia do chamado casco histórico, com as seguintes portas: ribeira ou de S. João, atafonas ou de S. Pedro, forno ou de S. Tiago, postigo ou arco de S. Crispim. Durante o século XIV cresceu a actividade náutica e o comércio. Era de Viana um dos navegadores do Infante D. Henrique, Gonçalo Velho Cabral, o colonizador dos Açores.

No ano de 1502 é construída a fortificação na barra denominada Torre da Roqueta para obstar a entrada à pirataria. Visita do rei D. Manuel I a Viana e, presente-se a introdução nesta vila do estilo manuelino.

A 1 de Junho de 1512, D. Manuel I concede novo foral a Viana pelo facto de a considerar importante povoação de comércio marítimo, promovendo a expansão dos estaleiros e reformando a velha Roqueta. A frota vianense chegou a contar 70 navios. João Álvares Fagundes visitou a Terra Nova e tentou fixar conterrâneos seus na Terra do Labrador. Pêro de Campos Tourinho armou uma frota e partiu para o Brasil (1534-1535). Todos estes nautas eram vianenses.

No século XVI, fruto das riquezas nas descobertas, começam a proliferar dentro e fora das muralhas, moradias de fidalgos e burgueses ligados ao comércio marítimo e a generalidade dos conventos urbanos. Na Viana quinhentista com os orgulhosos burgueses teimosos na sua independência relativamente ao poder central e senhorial, a arquitectura era de facto a áurea da sua afirmação pessoal e familiar. No início do ano de 1560 veio pela primeira vez a Viana D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o recém-nomeado arcebispo de Braga, que admirado com a prosperidade desta vila, o arcebispo decidiu fundar aí um convento dominicano com um colégio anexo.

A 20 de Janeiro de 1848, a vila de Viana é promovida a cidade pela rainha D. Maria II, denominando-a de Viana do Castelo. Durante a revolução da Patuleia, Viana foi cenário de lutas fratricidas, tendo sido sitiado o seu castelo pelas tropas do conde das Antas; a guarnição abandonou-o, durante uma noite, tendo o seu comandante, capitão Cruz Sobral, partido para Lisboa a fim de entregar à rainha as chaves do castelo. D. Maria II premiou a lealdade da população vianense com a promoção.

Em 1877, começa a construção da ponte metálica, projecto e execução do engenheiro francês Eiffel, e os melhoramentos nas infra-estruturas portuárias. Da antiga ponte de madeira restam duas colunas de granito – balizas / relíquias do passado –. Esta ponte rodoviária de dois tabuleiros o superior para tráfego rodoviário e a inferior para o ferroviário. Trabalho difícil o seu projecto de traçado da via ferroviária na travessia da cidade, pois teve que circundar à cota baixa do sopé da montanha, fazendo o mínimo de demolição na urbanização medievá e renascentista existente. Simultaneamente foi importante para a cidade, nessa época, a travessia da foz do Lima numa rede viária unifilar contemplando no mesmo canal de tráfego as duas vias da rede viária.

A 30 de Junho de 1878, chega o caminho-de-ferro à cidade, sendo inaugurados a estação e a nova ponte rodoviária. A estação do caminho-de-ferro, belo edifício num estilo classicista, sóbrio, sob projecto do engenheiro Alfredo de Sousa. A partir daqui a cidade conhece e vê crescer a sua população e, é acompanhada de empreendimentos no domínio das obras públicas e privadas, sendo ex.: a rede de estradas e jardim público.

Em 1890, é aberta ao trânsito a actual estrada de Santa Luzia. Interessante via de montanha, serpenteada (lacetes) entre a frondosa vegetação, que nos convida a uma paragem para se assestar os olhos aos belos panoramas.

Em 1917, é aberta a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, ligando a estação do caminho-de-ferro ao porto de mar. Artéria larga, necessária, servindo de colector, à parte oriental e ocidental da cidade e frontal à estação. Esta cidade identificou-se sempre como um “microclima” arquitectónico, nunca correu atrás das modas estilísticas, sendo de tradição sóbria e chã.

É constituída por uma mescla moderada de estilos, do gótico ao estrado novista, pois tendo em permeio: o manuelino, o maneirismo, o clássico, o barroco, o neogótico e Arte Nova.

Em 25 de Dezembro de 1943 é concluído o Templo-Monumento do Sagrado Coração de Jesus, em Santa Luzia. Teve a sua origem numa simples capela. Este Templo vem contemplar a fé e a devoção do povo do concelho de Viana, ao coração de Jesus, pela erradicação do surto epidémico da pneumónica na zona, após a guerra de 1914-18. Projecto do arquitecto vianense – Caminha – Ventura Terra, de traça românico/bisantina. Assemelha-se em traços gerais – réplica / imitação – ao templo do Sacré-Coeur existente na cidade de Paris. A última fase das obras tiveram início em 1925, sob a orientação do arquitecto Miguel Nogueira, também conterrâneo de Ventura Terra.

A 4 de Junho de 1944, são inaugurados os Estaleiros Navais na zona ocidental da cidade, próxima do porto comercial (doca) e do porto de pesca. Localização oposta – direcção oriente / ocidente – aos antigos Estaleiros próximos das azenhas de D. Prior, na zona oriental da cidade. Era de lá que saíam as naus, após a construção para rumarem os mares nas rotas dos Descobrimientos, e na traficância e tráfego de mercadorias. Os novos Estaleiros vieram para Viana com a opção credível do local estratégico para este tipo de indústria pesada da construção e reparação navais. Foi das mais-valias industriais de todos os tempos, senão a maior para esta zona. Na construção de qualquer tipo de navio, a sua qualidade tornou-se notória, nacional e internacionalmente, perante entidades da tutela e seguradoras internacionais do ramo. Deve-se a esta Empresa a capacidade de absorção de mão-de-obra nesta região, cerca de 1700 trabalhadores diários nas diversas tarefas executivas. No início da sua fundação, teve que trazer da forte zona industrial de Lisboa e Setúbal, mão-de-obra especializada, pois que em Viana não existia ao tempo, o que veio obrigar a escola técnica local, a incluir no rol do seu currículo de ensino técnico/profissional, os cursos diurnos e nocturnos – de serralheiro mecânico e de electricista (formador e montador) – que ainda não possuíam. A escola ao tempo ministrava os cursos profissionais, que eram de mais interesse na região. De referir que esses profissionais, técnicos reconhecidos pela empresa, vindos para Viana, cá ficaram com as suas famílias e, foram obreiros também, no desenvolvimento citadino com a sua cultura e modus vivendi.

Após o ano de 1974. Ainda nos tempos do Estado Novo, com muita vontade de possuir a sua diocese, Viana só a veio a ter, não por sua exigência, após o 25 de Abril de 1974. De há muito tempo existia uma comissão de boa gente na cidade, que criou condições materiais através de dotação às instâncias do clero de propriedades para o efeito e outros réditos e prebendas, que garantiriam “à priori” a sua manutenção. Baldadamente, essa forte aspiração de pessoas de fé e benfazejas do espírito ecuménico, não foi conseguida. À frente

dessa comissão ponderava a viscondessa de Montedor, que colocou “à mercê” tal doação. Então uma cidade capital de distrito, teria que estar “subjugada” à arquidiocese de Braga? Desde tempos muito contados...

Foi necessário, nesta história ter surgido o 25 de Abril, para que, também em Viana, nesta matéria sem haver reivindicação como noutros tempos houve, para que, de “mão beijada” a igreja católica dotasse a cidade com uma diocese. A igreja de Santa Maria Maior ficou a ser a Sé do novo bispado. A cidade venera os seus três mártires; Teófilo, Saturnina e Revocata a 6 de Fevereiro, cujas imagens ornamentam ainda hoje a fachada da igreja do recolhimento das Ursulinas.

No ano 2000, o Programa Polis começa a desenvolver acções no sentido que vinha já sendo uns anos atrás, na correcção dalguns erros danosos cometidos na urbanização incorrecta nalgumas zonas citadinas. A malha urbana continua ferida e há que recolocar o melhor em certas anomalias. São exemplo disso, que este programa está a procurar fazê-lo na frente ribeirinha, onde outrora existiu um histórico mercado municipal de raiz medieva e de piso térreo, que a Câmara Municipal ao tempo autorizou a demolição, para venda do terreno e dar licenciamento a um “mamarracho” habitacional de grande altura. Numa zona, junto ao rio onde grassa o chamado histórico Jardim Público, o bonito e melhor implantado na Europa dos jardins – segundo o nosso Ramalho Ortigão – nessa zona e por toda a cidade, a altura das construções raramente ultrapassa os três pisos.

Ano 2008. Esta linda cidade, que há muitos anos se encontra geminada com outra cidade também bonita, da Beira Litoral – Aveiro – por via do convívio franco e alegre entre as suas colectividades desportivas e recreativas, que através do desporto e das artes, as suas gentes souberam dar as mãos. Teria talvez Viana, mais razões para o fazer com outra cidade, também do litoral, Figueira da Foz, cidade esta com características mais similares a Viana para ser sua gémea, pois que possui os três microclimas como Viana: rio, mar e montanha. Vai a cidade comemorar e festejar este ano de 2008 os seus 750 anos do foral de município. Bonita marca, correspondente a 3/4 de milénio ou melhor, as 10 bodas de diamante, que esta digna data representa, sem qualquer espécie de eufemismos.

Faço votos para que esta terra, à beira rio e mar plantada, continue através dos tempos a manter e melhorar a sua qualidade de vida, mostrando ser o JARDIM FLORIDO QUE SEMPRE FOI.

OH! VIANA DO CASTELO... AS MINHAS SAUDAÇÕES.

“Ensaísta”

### ■ POESIA SONETO - actuais alunos da Escola Secundária de Monserrate

#### Esplêndida cidade - 1º PRÉMIO

Esplêndida cidade...  
Tu que és o véu aveludado de todo o salgado mar,  
Que, por entre brisas e bravuras,  
Te transformas numa imagem utópica...  
Que ao incapacitado olho humano,  
Numa finta sobrenatural,  
Revelas o que és: a perfeição e a harmonia amaldiçoadas.  
Presas ficaste, meu bem, numa profecia bendita,  
Que para sempre os deuses te invejaram!

Terra mãe,  
Teus soldados agradecidos,  
Numa luta entre o ir e o ficar,  
Entre o mar e o sonhar.  
Te veneram a cada instante.  
A cada pulsação uma maravilhosa memória que se alevanta,  
Um reconforto que todo o mal espanta.

Teu puro e verdejante perfume  
Para sempre na História ficará marcado,  
Com um simples louvado foral que te enalteceu...  
Oh, abençoado D. Afonso III,  
Que viste o céu na mais perfeita terra salgada.  
Mas que olhos serão os teus,  
Que da majestosa elevação de Santa Luzia  
A beleza viste, como jamais havias sonhado...?

O poder não é teu,  
Eterno deslumbrado visitante!  
Estas terras que hoje pisas são a bênção que no caminho veneraste,  
Aquilo que nem imaginaste!

Viana do Castelo não é uma poção mágica,  
Não é um veneno...  
É meramente um viciante suspiro da Natureza,  
O tal respirar pelo qual sufocaste.

É o olhar da chegada que promete  
E a despedida que nas águas cintilantes de um rio abafaste.

Ana Luísa Bacelar Corte Real - 10.º ano

#### Cidade da Terra e do Mar - 2º PRÉMIO

Eles me pedem que te cale, Viana.  
A ti cidade louvada do Minho  
A ti Viana, a ti beleza marinha  
Terra de nobres gentes humildes,  
Pousadio de rio e de mar.

Por ti, porto esplendoroso, se passeia lentamente o Lima,  
Fui entrelaçando seus braços até ao horizonte de sonho;  
O Atlântico seu leito, após a longínqua viagem da vida.

Eles me pedem que te cale, Viana.  
A ti, que por Santa Luzia abençoada és,  
Iluminada pela imaculada sofredora,  
A mãe vigilante no cimo dos montes  
Sempre atenta aos filhos pródigos,  
Aos frutos do casamento entre Terra e Mar.

Teu povo e teu mar desde sempre cativam.  
"O Desejado" filho de Portugal te enalteceu,  
Essa clarividência de alma jovem, ele, D. Sebastião, te aclamou  
E "O Bolonhês", esse que há sete séculos e meio te solenemente escreveu  
Nessa carta de foral que a ti, Viana, louvou;  
A ti, eterna cidade do Minho!

E vós me pedis que cesse o grito e orgulho?!  
Ah! Mas não, nunca calarei o hino a Viana,  
Melodia perpétua das terras de Portugal,  
Cantiga dos frutos do casamento entre Terra e Mar...

Virgínia Barbosa - 10.º ano

# Sérgio Marinho

Solicitador C. P. 4087

Rua do Anjinho, 41 - 4900-320 Viana do Castelo  
Tel./Fax: 258 820 404 - Telem.: 96 802 4460  
Email: sergio.marinho@clix.pt  
www.smarinho.online.pt



Rua da Igreja, n.º 22 - Meadela - 4900-717 Viana do Castelo  
Tel. 258 843 612 - Fax. 258 843 615

email: gabmea@mail.telepac.pt - www.gabmea.lda.pt

# JVeiga

**Veiga & Veiga, Lda.**

- *Manutenção Industrial*
- *Hidraulica e Pneumática*
- *Soldadura TIG*
- *Tornearia e Fresagem*

1 2  
9 0  
4 0  
9 9

**60**  
ANOS

Rua General Luis do Rego, 241  
4900-344 Viana do Castelo  
Tel./Fax 258 823 383



## MECÂNICA DE EMBARCAÇÕES MAGALHÃES DE MAGALHÃES & MAGALHÃES, LDA.

- MONTAGENS E REPARAÇÕES DE MOTORES MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS
- SISTEMAS HIDRÁULICOS
- SOLDADURA E TORNEARIA
- MECÂNICA GERAL

Zona Portuária - Apartado 18 - 4901 Viana do Castelo Codex  
Tel. 258 823 950 - Fax. 258 826 479

# VELHOS TEMPOS

## VELHOS TEMPOS

Quem se revê?  
Quem os conhece?



Manuel Rodrigues / Ramalhosa / Evaristo / ? / ?  
Portela Rosa / ? / Salvador Soutinho Verde



Portela Rosa / ? / Veríssimo  
? / Branco / ?



# solinca<sup>TM</sup>

HEALTH & FITNESS Club



**solinca**  
HEALTH & FITNESS Club

Sabemos que o pleno bem-estar é composto pelo equilíbrio entre o corpo a mente e o espírito. Os nossos terapeutas, cuidadosamente seleccionados, vão transformar o seu programa de wellness, numa experiência inesquecível de relaxamento e bem-estar.

Compreendemos que a pressão a que estamos sujeitos no dia a dia, promove, no nosso organismo, desequilíbrios orgânicos vários que, por sua vez, condicionam o alcance de um estilo de vida saudável e feliz.

piscina

ginásio

spa

## PROTOCOLO SOLINCA /AAETEC

**solinca** 97 % DESCONTO NA JÓIA DE INSCRIÇÃO

**solinca** 20 % DESCONTO NAS MENSALIDADES

Condições válidas para associados e seus familiares directos  
(apresentação de cartão com quota actualizada)

Contactos: 937 571 310 / 258 800 330



**ESTAÇÃO**  
**VIANA**  
S H O P P I N G

TEMPO PARA VIVER

[www.estacaoviana.pt](http://www.estacaoviana.pt)



# 11<sup>A</sup> ARTEMAIO



Associação dos Antigos Alunos da Escola Técnica de Viana do Castelo



**ESTAÇÃO VIANA SHOPPING**  
(Praça Central)

**16 a 24 de MAIO de 2009**

**Exposição: Pintura, Desenho, Escultura e outras Artes**



CÂMARA MUNICIPAL  
DE VIANA DO CASTELO



GOVERNO CIVIL  
DE VIANA DO CASTELO